



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS CURSO DE LETRAS –
LÍNGUA PORTUGUESA

PAULO HENRIQUE NERI BARROS

ADVÉRBIOS PREDICATIVOS: MODIFICAÇÕES DE SISTEMAS LEXICAIS E
FUNCIONAIS

REDENÇÃO-CEARÁ

2025

ADVÉRBIOS PREDICATIVOS: MODIFICAÇÕES DE SISTEMAS LEXICAIS E FUNCIONAIS

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Área de pesquisa: Linguística formal, descrição e análise.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha.

REDENÇÃO-CEARÁ

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Barros, Paulo Henrique Neri.

B281a

Advérbios predicativos: modificações de sistemas lexicais e
funcionais / Paulo Henrique Neri Barros. - Redenção, 2025.
61f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de
Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha.

1. Língua portuguesa - Advérbio. 2. Gramática comparada e
geral - Sintaxe. 3. Língua portuguesa - Gramática - Teoria, etc.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 415



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Instituto de Linguagens e Literaturas
Curso de Letras – Língua Portuguesa

PAULO HENRIQUE NERI BARROS

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, sendo aprovada pela Coordenação do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e pela banca examinadora:

Prof. Dr. Tiago M. da Cunha
SIAPE: 02130632
UNILAB

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha
UNILAB

Prof. Examinador 1
UNILAB

Documento assinado digitalmente
 JULIANA GEORGIA GONCALVES DE ARAUJO
Data: 05/12/2025 18:48:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Examinador 2
UNILAB

*Dedico este trabalho aos meus
pais e a todos os envolvidos neste
“delírio bom de ser vivido”...*

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todas as pessoas que de alguma forma me fizeram pensar mais sobre teoria e sobre a língua portuguesa. Entre elas, destaco com grande importância a pessoa do professor Dr. Tiago Martins da Cunha, quem me acompanhou nesta viagem de proposições e pensamentos fora da curva. Manifesto também com grande importância pessoas como a professora Dra. Juliana Geórgia de Araújo a quem devo muito respeito e gratidão. Por fim, agradeço à Coordenação do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e ao meu amigo Emanuel Gomes que, em muitos casos, resolveu discutir esta proposta e viajar pelo mundo aparentemente encantado das teorias formais.

“Um trabalho te dá um propósito e um significado. A vida é vazia sem ambos.” (Stephen Hawking)

Neste momento, deleito-me em viajar, sem mapa nem fronteiras, pelo mundo encantado das teorias formais, onde os axiomas são estrelas e a lógica, o rio que as conduz. (Henrique Neri)

Resumo

Este trabalho busca desenvolver uma reflexão sobre os advérbios predicadores em português brasileiro. Para isso, buscaremos se concentrar às propostas de Chomsky (1981, 1986, 1995), Cinque (1999), Ernest (2006), Ilari (1990), Jackendoff (1972), Gonzaga (1997), Pollock (1989), Laenzlinger (1998), Costa (1999), entre outros, para indicar nossas hipóteses e fundamentar as explicações sobre a predicação direcionada às camadas funcionais de IP e CP pelo AdvPred. Vale mencionar que a maior parte das teorias desenvolvidas por esses autores acerca da sintaxe adverbial fundamenta-se na ótica de adjunção baseada semanticamente (TABS) mais consideravelmente as propostas de Jackendoff (1972), Ernst (2006) e Costa (1999), as quais, posteriormente, serão discutidas. A outra face dos estudos adverbiais é preenchida pelo paradigma de análise denominado de Teorias dos Especificadores Funcionais (TEF) cujas reflexões fundamentais são dadas pelos trabalhos de Laenzlinger (1998) e, principalmente, pela proposta desenvolvida por Cinque (1999). Nesse sentido, nosso objetivo central é analisar e para alguns casos propor um modelo explicativo, baseado no formalismo gerativo assumido pelos autores, sobre como se dá a predicação no nível sentencial de CP e flexional de IP.

Palavras-chaves: Sintaxe Adverbial; Predicadores de projeções funcionais; Teoria da Gramática.

Abstracts

This work seeks to establish a reflection on predicative adverbs in Brazilian Portuguese. To this end, we will connect with the proposals of Chomsky (1981, 1986, 1995), Cinque (1999), Ernest (2006), Ilari (1990), Jackendoff (1972), Gonzaga (1997), Pollock (1989), Laenzlinger (1998), Costa (1999), among others, to establish our hypotheses and substantiate the explanations about predication directed to the functional layers of IP and CP by AdvPred. It is worth mentioning that most of the theories developed by these authors regarding adverbial syntax are based on the semantically based adjunction (TABS) perspective, most notably the proposals of Jackendoff (1972), Ernst (2006), and Costa (1999), which will be discussed later. The other side of adverbial studies is filled by the analytical paradigm known as Functional Specifier Theory (FST), whose fundamental reflections are given by the works of Laenzlinger (1998) and, mainly, by the proposal developed by Cinque (1999). In this sense, our central objective is to analyze and, in some cases, propose an explanatory model, based on the generative formalism assumed by the authors, on how predication occurs at the sentential level of CP and the inflectional level of IP.

Keywords: Adverbial Syntax; Functional Projection Predicates; Grammar Theory.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Os advérbios no paradigma da gramática tradicional.....	13
2.1 Advérbios pronominais e conjuncionais	14
3. A Teoria Gerativa	16
3.1 Níveis de adequação teórica	18
4. Os advérbios segundo alguns autores: a revisão teórica	20
4.1 O estudo de Jackendoff (1972) aplicado ao Inglês	20
4.2 O estudo de Gonzaga (1997) aplicado ao PB	22
4.3 A posição do advérbio na sentença segundo Pollock (1989)	24
4.4 A proposta de Laenzlinger (1998)	26
4.5 O estudo de Costa (1999) no português europeu	27
5. Metodologia	28
6. Análises e considerações.....	33
6.1 A influente aposta de Ernst (2006)	36
6.2 O esquema geral de Cinque (1999) aplicado ao PB.....	38
6.3 Advérbios baixos	40
6.4 A hipótese descritiva de Ilari (1990).....	44
7. Advérbios de IP	54
8. Considerações finais	57
9. Referências bibliográficas.....	59

1. Introdução

A estranheza produzida pela definição tradicional de advérbio se coloca como ponto inicial desta discussão. A começar pela clássica o “Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”, Cegalla (2008). Os trabalhos emergidos do paradigma tradicional trouxeram, sem dúvidas, muito “pano para manga” para o ensino em sala de aula, mas não se absteve de complicações lógicas e, no fim das contas, distribucionais, além de não ter recorrido a repartições metodológicas claras e necessárias, em vista da frequente mistura entre dimensões formais e semânticas. Ocorre que a definição tradicional deixa a desejar em aspectos cruciais no tratamento da classe gramatical, razão pela qual nos deparamos com explicações que se encontram distantes de representar uma totalidade significativa dos fatos.

Desde a imprecisão na definição a questões mais complexas, estas que fogem da heurística preterida pela gramática tradicional, os estudos que destacam essa classe têm arranjado vários meios e convocado múltiplas teorias para dar suporte aos fenômenos dos quais os advérbios participam ou são as estruturas que compartilham maior proeminência no processo. De certo, uma classe parece nunca está resolvida por completa, o máximo que conseguimos é descreve-la e, com o passar dos tempos, os novos fenômenos ganham força e nossas hipóteses tornam se mais ainda refutadas.

A partir deste início, analisar e compreender, como ocorre a predicação da camada do CP seguindo os pressupostos teóricos indicados pela literatura pertinente: Ernst (2006), Cinque (1999), Laenzlinger (1998), Ilari (1990), Jackendoff (1972) e propor um modelo explicativo da predicação dos advérbios de IP sob a luz das propostas de Parsons (1990) e Foltran (2010) representam o foco deste trabalho.

Nesse sentido, iniciamos nossa reflexão pelo lado mais regular na pesquisa linguística. Isto é, apresentaremos as hipóteses tradicionais tendo como arcabouço os gramáticos Jerônimo Soares Barbosa (1803), Almeida (1911) e Celso Cunha (1972) e, em seguida, confrontaremos o paradigma gramatical com um aspecto mais formal indicado pela teoria de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa, ligando os advérbios a outras classes fora do escopo que propõe a ótica tradicional: por exemplo: os advérbios pronominais e conjuncionais.

Na terceira seção, arrolamos a proposta teórico-metodológico da teoria gerativa, a fim de reforçar os pressupostos teóricos sobre a língua e as dimensões formais que a teoria pressupõe no tratamento dos fenômenos linguísticos. Na quarta seção a revisão teórica dos

trabalhos de Jackendoff (1972), Gonzaga (1997), Pollock (1989), Laenzlinger (1998), Costa (1999). Iniciaremos a partir disso a construção metodológica baseada nas premissas propostas pela Teoria de Princípios e Parâmetros e na quinta seção, prosseguiremos com a segunda parte da metodologia formatada pela Teoria X-Barra, que será nosso foco para a descrição dos sintagmas adverbiais de caráter predicativo.

Na sexta seção, abordaremos as análises que mais dialogam com as nossas ideias acerca da predicação dos advérbios de CP principalmente. Logo, apresentamos as discussões de Ernst (2006), Cinque (1999) e Ilari (1990).

Em sete, propomos uma hipótese para os advérbios de IP que correspondem à projeção flexional das línguas naturais, baseando-se na perspectiva semântica e no evento espelhado pela sentença como alvo da predicação adverbial. E em oito, mostramos as considerações finais e os resultados alcançados neste trabalho, bem como as referências em nove.

2. Os advérbios no paradigma da gramática tradicional

A começar pelo conceito da gramática tradicional (doravante GT) que compreende o advérbio como um “modificador” de determinadas classes entre as quais a si próprio, buscaremos nos ater especificamente ao tratamento que os advérbios recebem pela abordagem tradicional, a fim de contrastar mais à frente com a teoria de Princípios e Parâmetros ditada pela gramática gerativa, Chomsky (1981), (1986), (1995), (2001), (2005), (2013).

Nas palavras de Jerônimo Soares Barbosa (1803):

[...] o advérbio não é outra coisa mais do que uma redução, ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinável, ou invariável. Chama-se advérbio, por que, bem como a preposição com seu complemento se a junta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa, para a modificar, restringindo-a ou completando-a, o mesmo faz o advérbio com mais concisão e brevidade (p.234).

Em vista disso, podemos compreender que o advérbio enquanto “uma redução, ou expressão abreviada da preposição” junta-se a alguma outra classe modificável (como adjetivos e substantivos) e atua como elemento que restringe o campo de atuação na periferia da estrutura do sintagma. Logo, poderíamos afirmar que o advérbio se junta a uma preposição, em forma de complemento de natureza substantiva ou adjetiva e restringe o significado da expressão. Como forma de tornar mais clara nossa explicação, os exemplos a seguir representam nossa ideia.

1. Viver com cuidado (preposição + substantivo)
2. Viver cuidadosamente (advérbio)

O autor coloca em distinção e indica diferenças entre advérbios e estruturas nominais adverbiadas. Nesta segunda classe o advérbio pode operar como uma redução da palavra junta do seu complemento, o que resulta numa só palavra. Como exemplo, Barbosa apresenta o advérbio “aqui” que pode ser interpretado pela preposição “em” mais o complemento “este lugar” que forma a estrutura “neste lugar”.

Em Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), a definição aparentemente permanece a mesma, mas recorre-se a três diferentes aspectos em que podemos considerar o advérbio. Trata-se de aspectos referentes à circunstância à função e à forma das estruturas.

- No que concerne à circunstância, o advérbio elimina a atuação de um outro. Se há a manifestação de lugar, a indicação de tempo ou de modo será automaticamente encerrada. O que faz entender o advérbio como uma categoria específica que promove um comportamento particular.

- A função do advérbio recai sob a alteração de outras classes. Retoma-se novamente a mesma noção, enquanto ponto de atuação e de atribuições: “o advérbio é uma palavra que modifica o verbo”.
- No aspecto formal, os advérbios são repartidos em duas classes: advérbios por natureza, constituídos de uma só estrutura (muito, por exemplo), e por locuções adverbiais, ou seja, estruturas adverbiais preenchidas por dois ou mais itens lexicais.

Celso Cunha (1972, p. 312), na seara dos estudos gramaticais tradicionais, define a classe adverbial como “palavras que se juntam a verbos para exprimirem circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos para intensificar uma qualidade”. Esta definição, como forma de resumo da maioria das reflexões sobre essa classe, parece salientar que os advérbios, historicamente, foram reduzidos a meros atribuidores, senão, a modificadores de estados verbais ou impulsionadores de atributos demandados por adjetivos.

A redução do campo de atuação da classe para garantir um esquema mais ou menos elegante nos livros didáticos ou nos manuais de gramática, “orientados por fundamentações lógicas”, põe em evidência uma de nossas indagações: “o advérbio representa necessariamente uma classe gramatical que modifica estruturas verbais, adjetivas e adverbiais? A resposta que evidenciaremos até o momento vai além da “simples” atribuição que o advérbio tem diante a complexidade estrutural da língua. Sua desenvoltura parece ser muito mais complexa do que a de um simples modificador de classes.

2.1 Advérbios pronominais e conjuncionais

As atribuições adverbiais diante de sentenças com verbos como “corri muito no treino hoje” se dão de forma distinta, se confrontarmos com os dados em (1) “Viver com cuidado”. No entanto, a partir dos nossos interesses, ainda que estejam apontados para um nível mais complexo, que transcende o limite das classes gramaticais, e se expande para um nível flexional e discursivo, não se faz desnecessária uma análise escalar dos advérbios, com base em possíveis modificações que a classe possa desenvolver em constituintes menores até chegar ao campo da flexional e discursivo. Seguindo essa distribuição, começaremos pelos advérbios pronominais e conjuncionais, a fim de demonstrar como ocorre essas atribuições em níveis sintagmáticos menores do que a sentença.

1. Não... no jogo ou perde ou ganha, foi isso mesmo que eu falei.

O adjetivo *mesmo*, que nessa sentença atua como advérbio do pronome (isso) é uma evidência que expande o campo de atuação do advérbio no português brasileiro. Com efeito, as relações podem ser estritamente ditadas por uma questão de ordem distribucional. Se o advérbio se encontrar em outra posição distante do (isso), o escopo sobre a classe é formado com outro termo como nos casos de 2 a 5.

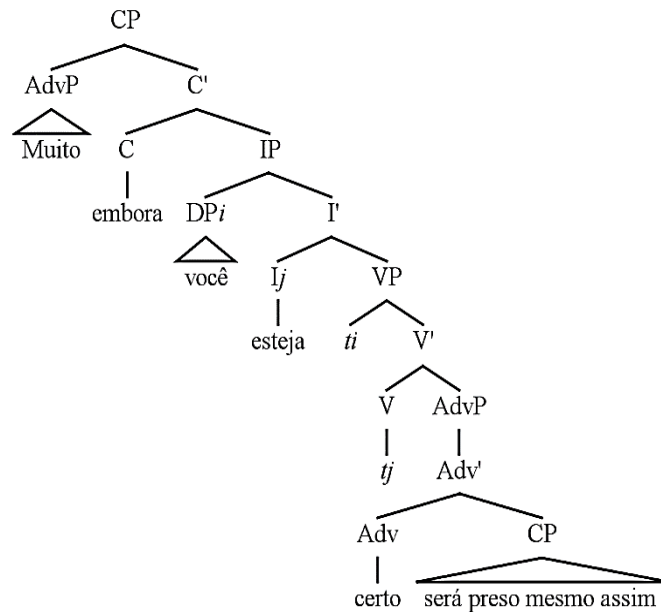
2. Não... no jogo ou perde ou ganha, foi isso que eu mesmo falei.
3. Não... no jogo ou perde ou ganha, foi isso que eu falei mesmo.
4. ? Não... no jogo ou perde ou ganha, foi mesmo isso que eu falei.
5. *Não... no jogo ou perde ou ganha, foi isso que mesmo eu falei.

Os exemplos de 2 a 4 parecem comportarem o advérbio *mesmo* como estrutura gramatical modificadora. O que faz comprovar sua mobilidade no entorno dos constituintes frasais. No entanto, em 5 ocorre o contrário. Ao colocar a estrutura ao lado do complementizador (que), a sentença ganha o status de agramatical. Dados como em 5 geram agramaticalidade, pois o advérbio, nessas circunstâncias, parece encontrar restrições de classes sobre as quais pode atuar, logo, se torna impossibilitado de modificar em algum aspecto a conjunção (que).

De igual forma, mas por meio de classes distintas, o mesmo fenômeno ocorre nos exemplos 6 e 7, além da conjunção *embora*, o advérbio pode desenvolver outras relações de escopo com outros itens a partir de sua posição na árvore.

6. Embora você esteja muito certo, será preso mesmo assim.
7. *Embora você esteja muito certo, será preso mesmo assim.

Em 6, temos o dado que evidencia o que estamos chamando de advérbios conjuncionais. Para além da corriqueira atribuição aos verbos e às estruturas adjetivas, as operações de escopo dos advérbios demonstram o potencial que a classe apresenta, além de contestar o viés tradicional de gramática normativa.



Esquema 1 elaboração do autor.

3. A Teoria Gerativa

Em meio ao fértil contexto científico do século XX, e em resposta às teses apresentadas pela segunda geração do Behaviorismo Radical levada a cabo principalmente por Skinner (1957) e criticada por Chomsky (1959). A teoria gerativa capitaneada por Chomsky, principalmente, em *Syntactic Structures* (1957) acrescentou novas metodologias e formas de descrever a estrutura das línguas humanas.

Em meados do século XX, os estudos linguísticos se reuniam em torno dos estudos sobre a *langue*. A língua, que, segundo Saussure (1916), era definida como sendo um sistema estruturado numa cadeia de signos. *Langue*, nesse sentido, era um sistema abstrato, social e homogêneo de signos como a gramática e o vocabulário compartilhado por uma comunidade linguística, um dote virtual depositado em cada indivíduo. O modelo gerativo, neste ínterim, conforme formulado originalmente por Chomsky, questionou as propostas estruturalistas assim como os fundamentos ditados por Skinner, como principal expoente da corrente behaviorista.

O destaque crítico de Chomsky ao estruturalismo saussuriano concentra-se na ideia de que o modelo estrutural via a linguagem como um sistema estático e socialmente externo, ignorando a capacidade inata, criativa e gerativa do ser humano. Também pelo fato de recorrer a explicações que tomam como norte a estrutura, ignorando o protagonismo do cérebro enquanto “depósito de regras da gramática”.

A teoria gerativa é responsável por mudar o curso dos estudos linguísticos, a partir do momento em que se passa a observar que o próprio conhecimento de língua que cada falante

detém é um dado importante a ser notado e diz muito sobre a capacidade humana administrada pela Faculdade da Linguagem. A FL, enquanto capacidade inata e intrínseca à espécie humana, viabiliza o ser humano no que diz respeito aos processos de adquirir e usar uma língua natural da forma como fazemos, sem dificuldades comparadas ao aprendizado de uma segunda língua (L2). Neste prisma, a linguagem é concebida como um sistema biológico da espécie que tem a mente humana como seu principal campo de atuação. Compreender a linguagem humana, tomando como foco o ponto de vista da linguística gerativa, é estudar um aspecto que corresponde às faculdades mentais próprias da espécie humana.

A Faculdade da Linguagem, nas palavras de Raposo (1992) “não é um sistema homogêneo, mas o resultado da interação complexa entre vários sistemas ou módulos autônomos de natureza diversa, caracterizados por regras e princípios específicos a cada um deles”. Logo, é um trabalho do linguista de orientação gerativa buscar descrever a interação entre os módulos que compõem a linguagem e identificar o sistema de regras que põe em evidência a interação entre os demais sistemas e a sintaxe.

Chomsky, (1995) entende que a faculdade da linguagem é constituída de dois componentes fundamentais pelo menos. Um sistema cognitivo, que funciona como uma espécie de dispositivo responsável por armazenar e reter as informações, e os sistemas de performance que acessa essas informações estocadas e as utilizam de formas variadas.

Acerca da Teoria Gerativa, Lobato (1986) entende que se trata de “uma tentativa de formalização dos fatos linguísticos, isto é, de tratamento matemático, ou, ainda em outras palavras, de tratamento preciso e explícito das propriedades das línguas naturais”. Nesse sentido, a teoria se propõe discutir questões complexas voltadas a uma das faculdades internas à espécie humana (FL) e executa essa proposta seguindo um ponto de vista particular, como, por exemplo, dedicar-se a questões importantes que encontram razões numa psicologia individual.

Os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa assumem a existência de uma estrutura mental inata, que faz jus à hipótese inatista de linguagem, compreendida como um sistema de princípios universais e por parâmetros que explicam a variação de língua para língua e guia o cérebro da criança quando está imersa no processo de aquisição da linguagem. Portanto, uma teoria que ampara o estudo dos advérbios numa descrição pautada na introspecção do falante se coloca como necessária para seguirmos nosso estudo e criar algumas suposições para a

descrição de casos eventualmente mais complexos dos quais os advérbios tenham uma certa atividade central no que diz respeito à predicação.

3.1 Níveis de adequação teórica

Segundo Chomsky (1994), as teorias linguísticas fundamentalmente devem apresentar quatro propriedades, a saber, trata-se da: Adequação descritiva, a Universalidade, a Adequação explanatória e a Aprendibilidade. A proposta sugerida por Chomsky (1994), entretanto, será apresentada, segundo o entendimento de Radford (1997):

- **Adequação descritiva**

Trata-se de um mecanismo que ocorre quando é possível diferenciar e descrever estruturas possíveis, gramaticais, de agramaticais, não possíveis, em uma língua específica. Tendo isso em vista, a Adequação Descritiva é de fato atendida, quando esses critérios são satisfeitos, Radford (1997).

O trabalho elaborado pelo linguista de seguimento gerativo está preocupado em desenvolver descrições que abarcam e que sirvam à perspectiva gramatical de uma língua particular, por exemplo, o português brasileiro. Fato contrário é empregado pelo linguista teórico, cujo objetivo, é desenvolver uma teoria de gramática que discrimine as diversas variáveis de possibilidades e impossibilidades estruturais numa perspectiva universal, isto é, que englobe todas as línguas humanas, Radford (1997).

Logo, há regras de descrição, tanto para as gramáticas que representam uma língua particular (critérios de adequação descritiva) quanto para as gramáticas que se propõem ser mais abrangente, ao assumirem a descrição de todas as línguas naturais humanas.

- **Universalidade**

O critério da universalidade, enquanto propriedade de uma teoria, coloca que uma gramática deve ser capaz de permitir a elaboração de descrições de forma adequada, conforme se observa na (adequação descritiva) das línguas naturais numa perspectiva de Gramática Universal (GU). A universalidade concedida pela GU leva ao critério de Adequação Explanatória.

- **Adequação Explanatória**

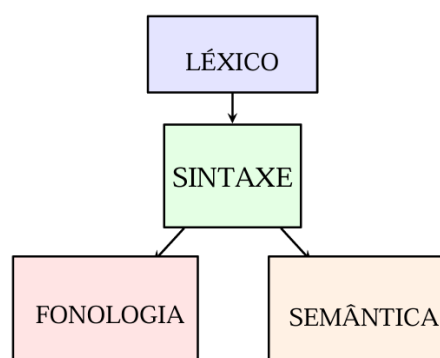
Em adequação explanatória uma teoria de natureza universal como a GU deve ser capaz de explicar as propriedades universais que ela mesmo apresenta. Entre outras coisas, é dever dessa gramática descrever os padrões linguísticos universais que as línguas venham apresentar, assim como suas propriedades fundamentais. A adequação explanatória é, nesse sentido, um critério que se aplica à restrição da amplitude explanatória que uma teoria venha propor.

- Capacidade de aprendizagem (*Learnability*)

O quarto critério, admite que a gramática cunhada deve ser capaz de dar conta de uma tarefa específica pela qual as crianças, em processo de aquisição da linguagem, são submetidas. Trata-se do fato de as crianças serem capazes de aprender, em um curto espaço de tempo, uma língua natural, sem tanto esforço, se compararmos este mesmo processo com o de um adulto. Portanto, os níveis de adequação teórica os quais as teorias linguísticas devem assumir em sua configuração teórica e metodológica demonstram o quanto a teoria está preocupada em promover um aparato rígido de regras que descrevam fenômenos linguísticos mais complexos nas línguas humanas.

A teoria de Princípios e Parâmetros (doravante P&P) nascida em meados da década de 80, pode ser entendida pela divisão de duas fases que a fundamenta. Na primeira fase, conhecida de Teoria da Regência e Ligação (doravante, TRL), em ascendência durante toda década de 80, chegando aos anos 90, período em que o Programa Minimalista entra em maior evidência, Chomsky (1999) e se efetiva como o modelo mais atual da teoria chomskiana.

Modelo de gramática adotado pela teoria de P&P



Arquitetura da linguagem

Uma teoria, assim como outras propostas de descrição, segue conceitos e operações-chaves que empregam rigor descritivo. Em alusão a esse critério, a gramática gerativa é disposta

a partir de uma configuração modular de níveis, Chomsky (1998), Miotto (2004). A modularidade é encarada de forma autônoma, então, os componentes que formatam a gramática são independentes. A configuração adotada por Chomsky (1980, 1981, 1985) apresenta que há um módulo responsável pela sintaxe, outro pela teoria temática, outro pela ligação, outro pela semântica, etc.

Os módulos apresentam uma configuração independente, ou, em outras palavras, não são governados por influências advindas de outros módulos que possam impor algum tipo de controle. São necessariamente governados por suas próprias regras internas e não admitem intervenções de outros módulos mentais.

A Faculdade da Linguagem, portanto, é constituída de princípios gerais que se aplicam a toda e qualquer língua natural e de parâmetros, tal como um conjunto de propriedades que caracterizam cada língua, ou como princípios particulares a cada língua natural. A execução de Princípios e Parâmetros permite enxergar como se dá as regularidades universais e a variação linguística através das diferenças ditadas pelos parâmetros.

4. Os advérbios segundo alguns autores: a revisão teórica.

Esta seção busca revisitar os estudos de alguns teóricos que se situam no paradigma formal de análise linguística, assim como elegem este método a fim de subsidiar seus estudos sobre os advérbios em diferentes línguas, sob diferentes perspectivas. Neste sentido, começaremos por Jackendoff (1972) em seguida Gonzaga (1997), Pollock (1989), Laenzlinger (1998) e Costa (1999).

4.1 O estudo de Jackendoff (1972) aplicado ao Inglês

Com base nos estudos Jackendoff (1972) direcionados ao Inglês, introduziremos a reflexão de Gonzaga (1997) que discute a viabilidade da proposta de Jackendoff no português brasileiro. Em Jackendoff (1972), os advérbios ganham uma maior atenção, sobretudo por começarem a ser pensados como uma classe que se promove com certa autonomia na sentença. Dessa forma, o autor desenvolve uma abordagem cujo enfoque está na informação vinculada por cada entidade adverbial, assim como é de interesse se ater às diferentes propriedades sintáticas das estruturas nas quais os advérbios acontecem.

Para o autor, os advérbios são gerados na base lexical, ou seja, começam tendo uma entrada lexical própria. Após isso, são submetidos às regras de projeções para que sejam interpretados adequadamente. Jackendoff (1972) interpreta dessa forma, pois compreende que

uma teoria transformacional que deriva os advérbios de adjetivos, em estrutura profunda (DS), não consegue produzir explicações para outros fatos que compreendem o posicionamento da estrutura na sentença, tão pouco daria conta de mostrar as diferenças entre as classes adverbiais. Por essa razão, assume que são gerados na base do componente lexical da língua.

Na reflexão acerca das estruturas adverbiais do inglês, Jackendoff (1972) coloca que os advérbios que apresentam o sufixo (*ly*) em sua composição estrutural dispõe de três posições na sentença: hora podem ocorrer no início, hora no final, sem que haja pausas, hora aparecem na posição de auxiliar, encaixotados por SNs sujeitos e pelo verbo principal da sentença.

1. Alex clumsily dropped his cup of coffee.
Alex deixou cair *desajeitadamente* sua xícara de café.
2. Dangerously (,) Alex dropped his coffee cup.
Perigosamente Alex deixou cair sua xícara de café.

Baseado nos trabalhos de Jackendoff (1972) e Santos (2011), há, pelo menos, três posições das quais os advérbios participam e empregam mudança no significado a depender do ponto em que estejam inseridos. A alternância dos advérbios por posições faz surgir e diferenciar múltiplas classes da língua como as que seguem.

1. Advérbios de posição inicial que preenchem três posições na sentença e alteram o sentido da construção: *clumsily, dangerously, carefully, happily, carelessly, specifically, truth- fully, frankly and cleverly*.
2. Advérbios que ocupam as três posições sem que haja mudança no sentido da construção: *quickly, slowly, reluctantly, sadly, quietly, indolently, frequently, immediately, often, soon,*
3. Advérbios que ocorrem exclusivamente no início e como auxiliar: *probably, evidently, unbelievably, certainly, understandably, unfortunately, naturally, apparently*, quando co- locados em posição final, formam sentenças gramaticais, se seguidos por uma pausa: *Horatio has lost his mind, probably*, (Horatio provavelmente perdeu o juízo).
4. Advérbios que ocorrem em posição auxiliar e final obrigatoriamente: *completely, purposefully, totally, altogether, handily, badly, mortally, tremendously*.
5. Advérbios que não apresentam o sufixo (*ly*) em sua composição ocorrem somente em posição final: *well, hard, more, less, before, early, fast, home, slow, terribly, lengthwise, indoors, downstairs: Alex did his work before:* (Alex fez seu trabalho antes).

6. Advérbios que ocupam somente a posição de auxiliar: *truly, merely, simply, utterly, virtually, hardly, scarcely*: Paulo is simply being a fool. (Albert está simplesmente sendo um tolo).

Os estudos de Jackendoff (1972) afirmam que as estruturas adverbiais compõem a classe de palavras com menos estudo e representa a menos conhecida pelo componente lexical de uma língua natural particular. O isolamento da classe adverbial do cenário dos estudos linguísticos se dá por variadas questões. A saber, pode decorrer da acessão popularizada entre os linguistas que alimentam a ideia de que os advérbios compartilham regras transformacionais iguais se comparadas ao funcionamento das estruturas adjetivas.

O reflexo das pesquisas da literatura especializada na área mostrou que os trabalhos dedicados a essa proposta, na maior parte das vezes, se encaminham para explicações sobre a noção de um “escopo reduzido”, por exemplo, a atuação que os advérbios têm em relação a outros sintagmas da frase em proporções reduzidas, (escopos em VP, NP, AP e em AdvP), ressalvo os estudos de Ilari (1990), Cinque (1999), Ernst (2002), Lobato (2008), Foltran (2010), sobre os quais falaremos mais à frente.

Ainda que a hipótese transformacional de Jackendoff (1972) tenha sido plenamente replicável e difundida teoricamente nos trabalhos de seu tempo, tendo em vista os desdobramentos mais recentes da teoria de base gerativista, na qual se apoia, sua proposta no espaço atual da linguística e em vista da complexidade dos dados, apresenta problemas ainda não curados conceitualmente e metodologicamente. Entre os problemas, encontra-se o empasse de não definir precisamente uma hierarquia de ordenamento entre os advérbios, assim como comenta Santos (2011).

4.2 O estudo de Gonzaga (1997) aplicado ao PB

O estudo de Gonzaga (1997) testou e pôs em julgamento a proposta de Jackendoff (1972) a partir da análise do PB. Com efeito, observamos com mais detalhe a partir deste estudo que certas estruturas adverbiais podem ocupar posições no início, no final e como auxiliares, conforme indica Jackendoff para o Inglês. Contudo, a hipótese da pausa na posição inicial não é totalmente aplicável em PB, em razão das estruturas ocorrerem ora com a pausa, ora sem esse recurso na posição inicial da sentença. Os exemplos que Gonzaga (1997) propõe ilustram a aparição dos advérbios que ocorrem com pausa na posição inicial ou sem a pausa na posição final.

1. Desastradamente (,) o João deixou cair o café.
2. O João deixou cair o café (,) *desastradamente*.

Em comparação à análise de Jackendoff (1972), Gonzaga (1997) observa que no PB, além dos advérbios que são licenciados para ocupar as três posições indicadas por Jackendoff no Inglês, surge uma quarta posição, dado que decorre da possibilidade de pôr o advérbio encaixotado entre o verbo e o complemento da sentença. A frase abaixo permite diferenciar a análise do Inglês em relação ao PB, esse fato garante que o advérbio na gramática do PB seja um tanto mais móvel, conforme se percebe no exemplo.

3. A garota folheou *apenas* o livro.

Bomfim (1988), contudo, leva em consideração que existir pausa no início da construção ou no final. Se tratando do PB, não garante que a opinião do falante esteja sendo expressamente colocada neste momento. É possível que, quando ocorra a pausa, o advérbio que esteja envolvido seja de natureza oracional.

Conforme os dados citados até aqui (cf. p. 17), que tratam dos advérbios que podem ocupar três posições na sentença produzindo a mudança de sentido (conforme o ponto 1), e a construção à cima em que o advérbio se coloca em outra posição como indicado por Gonzaga (1997), as análises em PB parecem indicar que o sufixo *-mente* não representa um fato determinante para o efeito que o advérbio produz na sentença. Ou seja, ainda que a hipótese da mobilidade adverbial implique em mudança de sentido, no PB, esse fato não é apenas exclusivo aos advérbios terminados em *-mente*, visto que a construção à cima, em que o advérbio que vem entre o verbo e o complemento não apresenta um sufixo como no modelo de Jackendoff.

A disponibilidade de advérbios que podem ocupar as três posições na sentença sem que ocorra alterações no sentido deixa clara a semelhança entre os dados do Inglês e do PB. Abaixo, a mobilidade da estrutura em destaque exemplifica essa questão.

1. Rapidamente João fez o almoço.
2. João rapidamente fez o almoço.
3. João fez rapidamente o almoço.
4. João fez o almoço rapidamente.

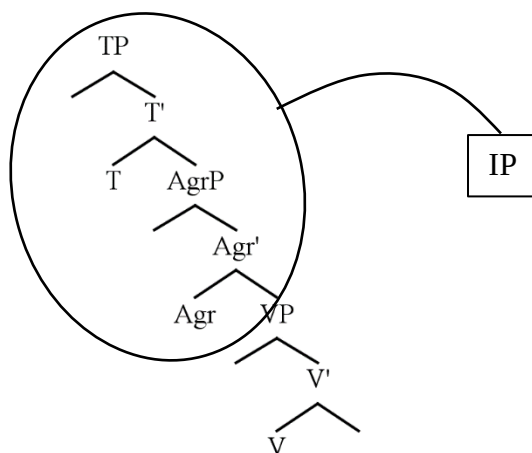
A conclusão do autor, portanto, é de que a posição do advérbio disposto entre o verbo e o complemento é análoga tanto à posição final quanto à posição pré-verbal. Teixeira (2015)

observa esta relação como necessária, já que a equivalência se institui como condição necessária tanto para as operações dos advérbios de VP quanto para o deslocado do sujeito em PB.

4.3 A posição do advérbio na sentença segundo Pollock (1989)

O estudo de Pollock (1989), ainda que não represente uma análise fixada diretamente nos elementos adverbiais propriamente ditos, já que, na verdade, sua principal preocupação é mostrar o movimento do verbo em direção ao sistema IP, sua reflexão se mostra válida, mesmo com problemas como: a não identificação de ordenamentos rígidos entre os advérbios e a hierarquia pela qual a classe é subsidiada.

A literatura pertinente da área, Neto (2015); Raposo (1992) tem mostrado que a novidade no trabalho de Pollock (1989) sobre os verbos lexicais do Francês advém da análise acerca de categorias funcionais inscritas em IP, *Inflectional Phrase*. A inovação se dá, na medida em que, o antigo sistema de flexão IP é cindido. Pollock identifica mais duas categorias que representam núcleos distintos, trata-se do TP e do AgrP, respectivamente compreendidos na teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), como marcação da projeção de tempo e a projeção de concordância.



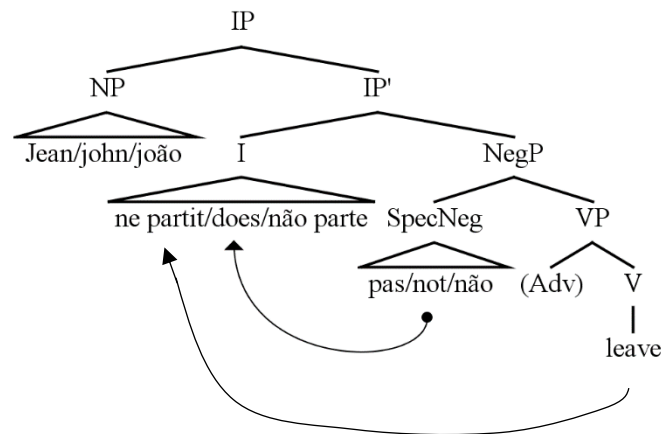
Cisão da sintagmática de Pollock (1989).

O autor analisou as ocorrências de variados objetos sintáticos, entre eles estão: a estrutura da negação, os advérbios e os quantificadores flutuantes e, com base no posicionamento sintático ocupado por cada uma dessas construções, Pollock (1989) buscou validar sua teoria baseando-se na hipótese de que o movimento que o verbo executa está ligado de forma direta a algum tipo de traço [+finito] que a estrutura carrega.

Entretanto, a análise sobre a posição que o advérbio ocupa na sentença se mostra mais pertinente no momento. Pensando nisso, Pollock (1989) propõe, contrariamente, ao modelo analítico cunhado por Jackendoff (1972) que não há regras particulares que tomem conta do

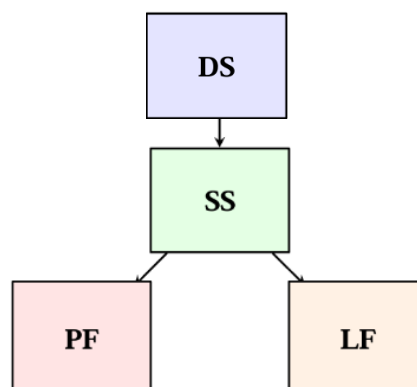
movimento dos advérbios. Segundo o autor, os advérbios são gerados no léxico a partir de duas posições diferente: uma posição no início de VP e a outra ao final de VP. Nesse sentido, os advérbios são gerados na base do léxico da Estrutura Profunda (DS) e, através de movimentos de constituintes, a Estrutura Superficial (SS) é montada.

O esquema arbóreo adaptado de Pollock (1989) ilustrado abaixo procura deixar claro a ideia de movimento que o VP faz para IP.



Representação de Pollock (1989)

O esquema representativo à cima espelha o movimento de V para I em línguas como o francês e o português. Todavia, esse princípio restrito a certas línguas não abarca o Inglês, pois os verbos de natureza lexical nessa língua não sofrem movimento. O movimento em língua Inglesa é restrito aos verbos auxiliares, tais como as partículas lexicais *do*, *have*, *will*, conforme aponta Santos (2011). Baseado nos trabalhos de Miotto, *et. al.*, (2009) sobre o movimento de constituintes, apresentamos o esquema que indica onde se concentra o mova- α na arquitetura universal e mostra sua importância para formação da (SS) e para PF consequentemente.



Representação: arquitetura universal

As regras que regem os movimentos se dão pelo mecanismo que licencia o deslocamento sintagmático de um constituinte para além de sua posição de origem. Essa regra

é orientada pelo mova- α que ocorre na passagem da DS para a SS. Neste intervalo ocorre o movimento de constituintes, a fim de adequar a Estrutura Superficial de uma dada língua particular e posteriormente enviar os dados para o reconhecimento em PF e LF.

Com base nos dados do Inglês e do Francês, Pollock (1989) analisa que a diferença mais saliente entre essas línguas, em termos de traços, está no fato de disporem ou não de traços [+finito] ou [-finitos]. A existência do traço, como marca numa determinada sentença, é como um estopim para movimentos como (mova- α). Nesse sentido, quando o traço é [+finito], (mova- α) é acionado, e o verbo é alçado (elevado), quando a sentença dispõe de um traço [finito], o movimento (mova- α) não ocorre e, por essa razão, o verbo não é movido para os constituinte à cima. Pollock conclui com base na indicação de que existe movimentos de V para I apenas para as entidades verbais, sendo assim, assume-se que os advérbios são colocados na sentença por meio de adjunções.

4.4 A proposta de Laenzlinger (1998)

O estudo de Laenzlinger (1998) está diretamente ligado à Teoria dos Especificadores Funcionais (doravante TEF), que é um dos paradigmas em que se desenvolvem os estudos formais da sintaxe adverbial. Laenzlinger (1998, 2002) busca captar as correlações existentes entre os componentes: Forma Lógica (LF) e a Sintaxe. Noutras palavras, o autor busca estabelecer correlações entre as características semânticas (escopo) dos advérbios e as propriedades distribucionais ditadas pela sintaxe. No entanto, para isso, Laenzlinger (1998) se propõe responder algumas questões tais como: se o escopo de um advérbio é dado por sua posição essencialmente semântica ou o seu potencial está diretamente ligado à posição distribucional que diz respeito à sintaxe?

Com o objetivo de responder a suas próprias indagações e questionamentos acerca dos mecanismos que impulsionam o potencial que o advérbio detém, o autor sugere três outras questões também dignas de respostas:

1. Qual a relação que se desenvolve entre os advérbios e os demais sintagmas numa sentença? Além disso, sob uma perspectiva lógico-semântica, como é possível definir os advérbios, levando em consideração noções como: suas funções como modificador, como operador e como predicator?
2. Como se dá a geração dos advérbios nos limites da estrutura sintagmática e qual posição esses itens ocupam na sentença?

3. Levando em conta SS, como os advérbios são licenciados nessa camada e quais os traços que esses itens devem checar?

A análise de Laenzlinger (1998) fixada fortemente em aspectos lexicais, sintáticos e semânticos constrói uma divisão entre os adjuntos argumentais subcategorizados pelo verbo via seleção semântica/categorial, diferentemente dos adjuntos livres, não subcategorizados pelos mesmos procedimentos. Laenzlinger (1998) ainda discute a existência de três tipos de advérbios que apresentam condições particulares de licenciamento numa sentença. Trata-se dos advérbios de VP, os advérbios sentenciais e advérbios de sintagma (*phrases*).

As proposições (1, 2 e 3) à cima em que o autor parece deixar claro uma certa comunhão entre sintaxe e semântica, no entanto não refletem de modo pontual a real proposta de Laenzlinger. Isso, porque, na maioria das vezes, o autor recorre a definições de ordem sintática para recobrir os advérbios. Esse recorte, de certa forma, demonstra que a proposta busca lidar com os advérbios muito além de sua configuração semântica, muito embora, deixe claro que o domínio responsável pelo licenciamento de cada advérbio é reconhecido a partir do consentimento de propriedades semânticos.

A conceituação dos advérbios, segundo Laenzlinger (1998), divide-se de três formas, a saber:

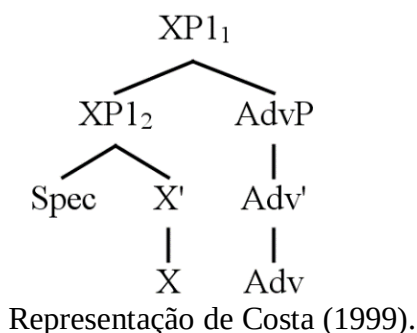
1. Como advérbios modificadores;
2. Como advérbios predicadores “predication relation in addition to the operator variable relation”;
3. Como advérbios operadores “operator – variable relation”.

A hipótese de Laenzlinger (1998) parece ser válida para o tratamento dos advérbios na sentença em LP. Tanto o seu modelo de adjunção adverbial, quanto os advérbios como constituintes especificadores representam fortes hipóteses para a descrição dos advérbios nas línguas humanas. Entretanto, algumas questões permanecem vagas, na medida em que, o próprio autor assume os limites teóricos e analíticos que sua hipótese carrega. Laenzlinger conclui e se refere às questões não abarcadas pelo modelo, tais como: o licenciamento dos advérbios pragmáticos, os aspectuais e os restritivos, e outros fenômenos não abordados diretamente pelo autor.

4.5 O estudo de Costa (1999) no português europeu

Costa (1999) faz um estudo que recobre a realidade adverbial do português europeu. O autor discute as variadas ordens em que se colocam os constituintes sentenciais. Para tanto, Costa se baseia fortemente na postura teórica que entende a sintaxe enquanto componente visível. Ou seja, uma sintaxe que não necessita manipular certas variáveis discursivas, semânticas e, em última escala, implicações prosódicas. Sendo assim, é trabalho da sintaxe apenas garantir um arranjo de saída bem montado, sem satisfazer de maneira obrigatória as condições que as interfaces preveem.

A proposta de Costa que nos interessa, todavia, é a respeito da adjunção adverbial. Costa (1999, 2004) coloca que os advérbios são livres para se adjungirem a distintas projeções máximas na sentença, tais como: (VP, TP, AgrP, CP) conforme apresenta o esquema abaixo.



Nessa análise a partir de Costa, a variável XP1 se ramifica em duas projeções para receptar os sintagmas que iram formar a adjunção adverbial em XP1 ou XP2. Mais abaixo dos níveis tem-se X', projeção intermediária e, por fim, o núcleo X que especifica a natureza da variável XP.

Além disso, o esquema produz um entendimento acerca de como se desenvolve a adjunção, sob a lógica de Costa. A operação de adjunção, segundo essa proposta, equivale a ligar as projeções máximas citadas à cima que compreendem todo e qualquer núcleo sintagmático a outros constituintes adverbiais ou a estruturas que cumpram função de advérbio dentro da sentença.

A descrição de Costa a partir do PE, por fim, propõe que o verbo se move para fora da categoria VP e se encaminha para a posição de T^o (time phrase), não se movendo, portanto, para posições mais altas que pertençam ao domínio de *Inflectional Phrase*, doravante (IP), ou sintagma flexional como é conhecido na literatura em LP. O autor sugere, então, que alguns advérbios devem ser interpretados como diagnósticos para movimentos verbais.

5. Metodologia

A abordagem formal levada a cabo pelo modelo teórico da linguística gerativa se concentra essencialmente na lógica evidencializada pela própria estrutura. Logo, nosso trabalho retoma a proposta metodológica adotada pelo modelo de Princípios e Parâmetros que objetiva explicar a universalidade e a variação das línguas naturais tomando como base recorrências replicáveis em toda estrutura linguística numa perspectiva global, além de assumir divergências em que se projetam os parâmetros, Chomsky (1981, 1985, 2001, 2005, 2013).

A teoria gerativa se baseia no método hipotético-dedutivo para a construção de hipóteses que representam a base para descoberta científica. Nesse sentido, os estudos que recorrem a esta abordagem, para instaurar sua metodologia, seguem, basicamente, as seguintes etapas, conforme os procedimentos que Lobato, (1986) indica:

- “Formula-se uma hipótese, uma conjectura acerca do objeto, sob a forma de lei geral”;
- “procura-se tirar conclusões por meio de deduções lógicas, ou seja, faz a dedução das consequências da lei”;
- compara-se “essas consequências entre si e com o que é observado, a fim de se verificar a adequação da hipótese proposta”.

A base empírica para a descrição da gramática adverbial do PB, por exemplo, é a própria introspecção do autor acerca dos fatos linguísticos que são base para a análise, ou seja, este estudo se propõe analisar os dados adverbiais enquanto estruturas que são parte do nosso discurso cotidiano, de modo que, a ênfase será dada às estruturas sintáticas gramaticalmente processadas pelo cérebro e medidas por juízos de aceitabilidade. Nesse sentido, tendo como base os pressupostos teóricos da linguística gerativa Chomsky (1981; 1985), Lobato (1986), Kayne (1994) que compreende a gramática do falante como ponto de partida para a descrição de todas as estruturas linguísticas.

Para se situar quanto à direção metodológica que este trabalho toma, optamos por explorar as expressões adverbiais que se comportam de forma mais produtiva quanto ao aspecto predicativo. Em vista disso, concentramos mais diretamente nosso olhar para uma compreensão mais profunda e interpretativa dos fenômenos recorrentes, explorando os significados produzidos na sentença a partir da direção do escopo adverbial e o comportamento dessas estruturas. Nesse sentido, faz-se necessário trabalharmos em paridade com a proposta qualitativa de análise, já que, a busca pela produtividade, o foco no comportamento dos objetos sob investigação, assim como a interpretação dos dados reforçam nossos objetivos.

Com base nos mecanismos formais dos quais a teoria gerativa dispõe, busca-se formular as regras que governam o alçamento do advérbio à categoria predicativa, bem como os principais casos da língua em que esse fenômeno vem à tona. Levando essa informação em conta, buscaremos interligar os objetivos à teoria e refletir em que medida os dados do PB se encaixam na perspectiva assumida pelo modelo de Princípios e Parâmetros.

A discussão feita até aqui deve ter produzido um entendimento mais específico acerca das relações que alguns advérbios estabelecem com outros objetos linguísticos e a sentença em forma de um “constituente maior e mais complexo”. Cabe acrescentar, com efeito, a partir dos diagnósticos obtidos que os advérbios de escopo são entidades licenciadas para atuarem sobre o CP e o IP em cenários estruturais específicos.

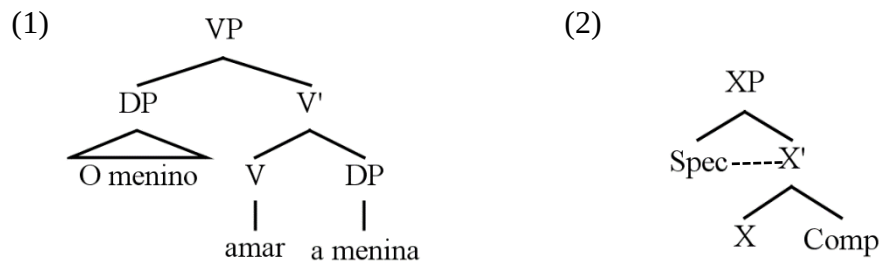
Esta pesquisa ganha um caráter qualitativo principalmente por estar alinhada à compreensão das estruturas adverbiais envoltas em contextos predicativos. É notável o fato de que o entendimento profundo a partir da interpretação de fenômenos depende de recortes feitos tanto no universo dos dados quanto na quantidade de camadas (categorias) sob as quais o advérbio tem algum escopo ou possa modifica-las. Isso evita de trabalharmos detalhadamente com um número alto de categorias alvo da predicação do AdvPred e sem se ater pontualmente aos casos específicos. Por essa razão, ainda que seja eventualmente mencionado o escopo do advérbio sobre o NP ou o AP, por exemplo, nossa proposta vai ao encontro de categorias que representam a sentença CP ou a flexão IP. Os casos que mostramos são, pois, para efeito explicativo e para mostrar a expansão da predicação adverbial para além das classes convencionalmente aceitas.

Nesse sentido, o modelo representativo da gramática gerativa que condiz com a proposta de Princípios e Parâmetros dá suporte metodológico as nossas hipóteses tanto pelo ponto de vista das regras gramaticais mais gerais e universais que governam a estrutura de todas as línguas quanto pelas diferenças entre as línguas que promovem opções binárias, ternárias que as línguas podem adotar dentro das fronteiras propostas pelos princípios, Chomsky (1980).

Como meio de detalhar as relações sintagmáticas e tanto o aspecto superficial quanto o profundo das sentenças, utilizamos o modelo representativo da Teoria X-Barra que é o módulo da gramática encarregado de demonstrar como os sintagmas são estruturados, Miotto *et. al* (2005). Como esta investigação lida diretamente com o aspecto sintático e semântico, tal teoria se torna imprescindível, pois, para esclarecer a natureza do sintagma, as relações que se desenvolvem de forma interna além do modo como os sintagmas se hierarquizam para gerar a

sentença, certas fundamentações semânticas para a composição dos significados se tornam obrigatórias numa gramática minimamente alinhada as perspectivas cognitivas, por exemplo.

A esse respeito, o modelo produz estruturas binárias baseadas na gramática e na hierarquia dos termos. O esquema capta propriedades importantes espelhadas pelos sintagmas que se refere ao fato de serem endocêntricos. Isto indica que uma categoria máxima XP tem obrigatoriamente como núcleo uma projeção mínima do tipo X. Logo, a junção de uma categoria mínima como amar [+ verbo] a um substantivo [+N = DP menino], gera-se uma projeção intermediária que preserva obrigatoriamente a natureza categorial que a projeção mais alta do sintagma carrega, no caso, um VP.

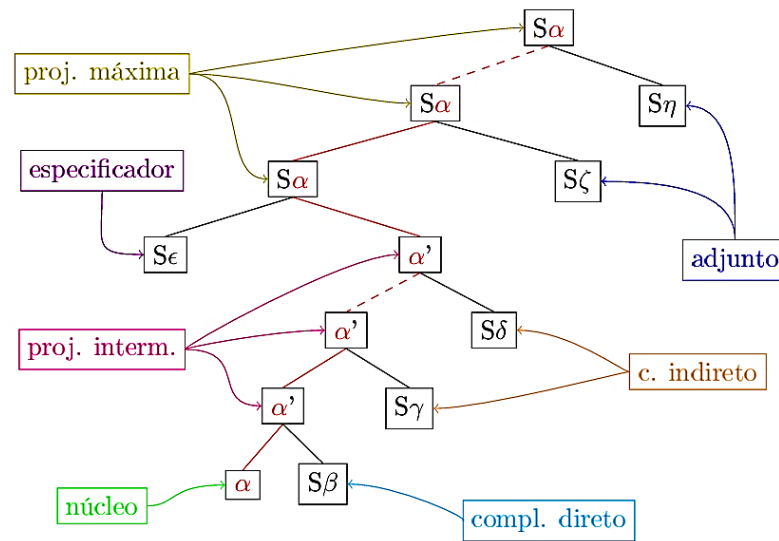


Representação baseada em Miotto *et. al* (2005).

Na projeção intermediária X' o núcleo X pode estar relacionado com os complementos assim como na projeção máxima XP, X' pode estar relacionado com um especificador (Spec). O complemento é irmão do núcleo X (nó terminal) ambos sob os domínios da projeção intermediária X'. Dessa forma, entende-se que o núcleo ou a variável indicada pelo núcleo subcategoriza o complemento seu irmão. A mesma relação de subcategorização que se institui entre núcleo e complemento, no entanto, não se desenvolve com o núcleo e especificador. Isso porque não é possível identificar ou medir as relações de irmandade, pois não faz sentido sustentar a afirmação de que o núcleo subcategoriza a entidade projetada em Spec. Nota-se, portanto, que a relação de irmandade do Spec é mantida com a projeção intermediária X', Miotto *et. al* (2005), conforme mostra a segunda representação em (2).

É comum na maior parte das teorias de expressão formal a construção de um modelo hierárquico baseado em regras que antecedem os dados. Nesta, principalmente, há princípios que se destacam em cada medição dos dados, ou seja, é necessário lidar com certas hipóteses do tipo: todas as projeções sintagmáticas se dão de forma binária, o núcleo seleciona o especificador, mas não o subcategoriza nós terminais subcategorizam o complemento e a endocentricidade é parte de cada sintagma. Com isso, a teoria chega a certas generalizações que fazem sentido, quando aplicadas a outras línguas seguindo esses mesmos parâmetros e conjunto

de regras. Uma dessas generalizações se alcança quando afirma que o núcleo é o centro do sintagma. Esse dado parece ser comum a todas as línguas, assim como parece ser o caso de sintagmas irmãos de um núcleo α , que constrói a projeção intermediária, cujos filhos (Spec e Comp) têm um pai em comum (α') respondem de forma positiva a testes de extração, Miotto *et. al* (2005). A representação a seguir mostra boa parte dos elementos encadeados em cada projeção e aponta para as relações que apresentamos até aqui, assim como outras não apresentadas diretamente como as noções de constituência, inclusão e exocentricidade, mesmo assim, busca se apontar as relações de subcategorização, endocentricidade dos núcleos.



Pagani (Teoria X' ($\bar{X}$, X-Barra).

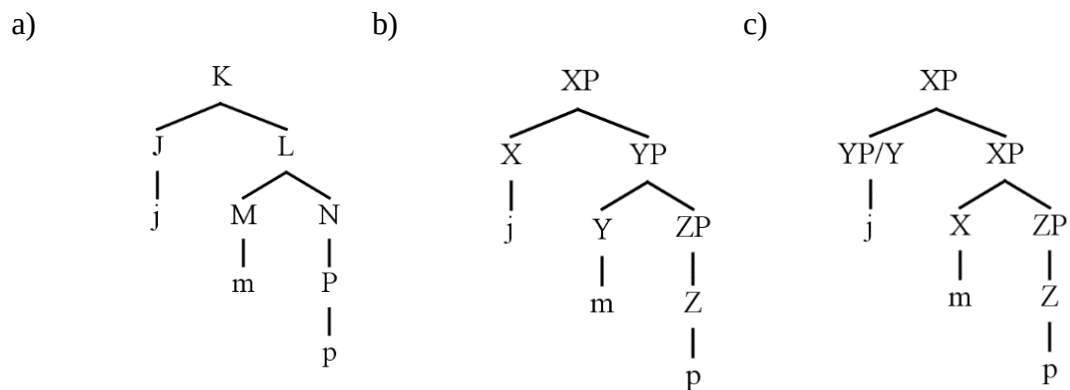
A Teoria X-Barra, sob o olhar de Jackendoff (1977); Lasnik & Kupin (1977); Chomsky (1970, 1985) veio com a proposta de capturar o padrão endocêntrico das estruturas sintáticas que as línguas naturais esboçam, além de fixar propriedades extras sobre as línguas, entre elas destacam-se: a noção posicional do especificador e a existência da projeção intermediária. Kayne (1981) destaca a binaridade da ramificação dos nós.

O empreendimento gerativo para com a Teoria X-Barra trouxe questionamentos e revisões importantes, mas a faz desnecessária ou inútil para a nossa proposta. Kayne (1994), por exemplo, a binaridade da ramificação dos nós. A partir disso, o autor propôs a noção c comando assimétrico que está baseado na ordem linear (L) entre dois símbolos terminais de uma sentença. Segundo sua proposição, os símbolos exibem três atributos: (i) se refere a propriedades transitivas, logo, [se xLy e yLz , então xLz], (ii) indica o total, então, (para qualquer x, y distintos, ou xLy ou yLx) e, por sua vez, (iii) a assimetria (não pode xLy e yLx).

Em explicação ao Axioma da Correspondência Linear (LCA), princípio de linearidade dos objetos linguísticos;

[...] se K e L forem categorias distintas, então J é o núcleo de K e L o complemento de J, como exemplificado em (1b). Se K e L forem segmentos da mesma categoria, <K, L>, então, J será o especificador dessa categoria, como em (1c). De um modo ou de outro, o conjunto A seria formado pelos pares, <J, M>, <J, N>, <J, P> e <M, P>, Faria (2014).

Kayne acrescenta que o LCA gera dois resultados convenientes para a teoria linguística: (i) que explica porque um núcleo (X) não pode ser concebido como complemento de outro, em razão de que com o c-comando simétrico, a ordem dos constituintes não poderia ser determinada e (ii) em que um XP de uma dada categoria possui obrigatoriamente um núcleo que, por efeito, representa a natureza endocêntrica e apresenta um só nó irmão que faz jus à estruturação binária construída a partir de uma projeção máxima. A sintaxe é, pois, de caráter antissimétrico, no caso de levarmos o LCA até as últimas consequências.



Representação do LCA, Faria (2014).

A proposta de Kayne (1994) se faz muito pertinente, nesse sentido, pois existe a crença de que as relações binárias, bem como a antissimétrica estrutural são fenômenos que auxiliam o processamento de frases cuja predicação se desdobra com o advérbio, além, de ser razoável entender que a correspondência rígida entre a hierarquia estrutural sintática e a ordem linear dos termos linguísticos, de alguma forma, pode contribuir para processos de boa formação e princípios de interpretabilidade sentencial.

6. Análises e considerações

Aos poucos, nossa pesquisa foi assumindo um rumo propositivo que espelha o papel ou a atuação de certos advérbios sobre outros sintagmas (menores e maiores), formando, assim,

um “Complexo Sistema de Predicação Adverbial (CSPV)¹ de entidades posicionadas hierarquicamente de forma superior”.

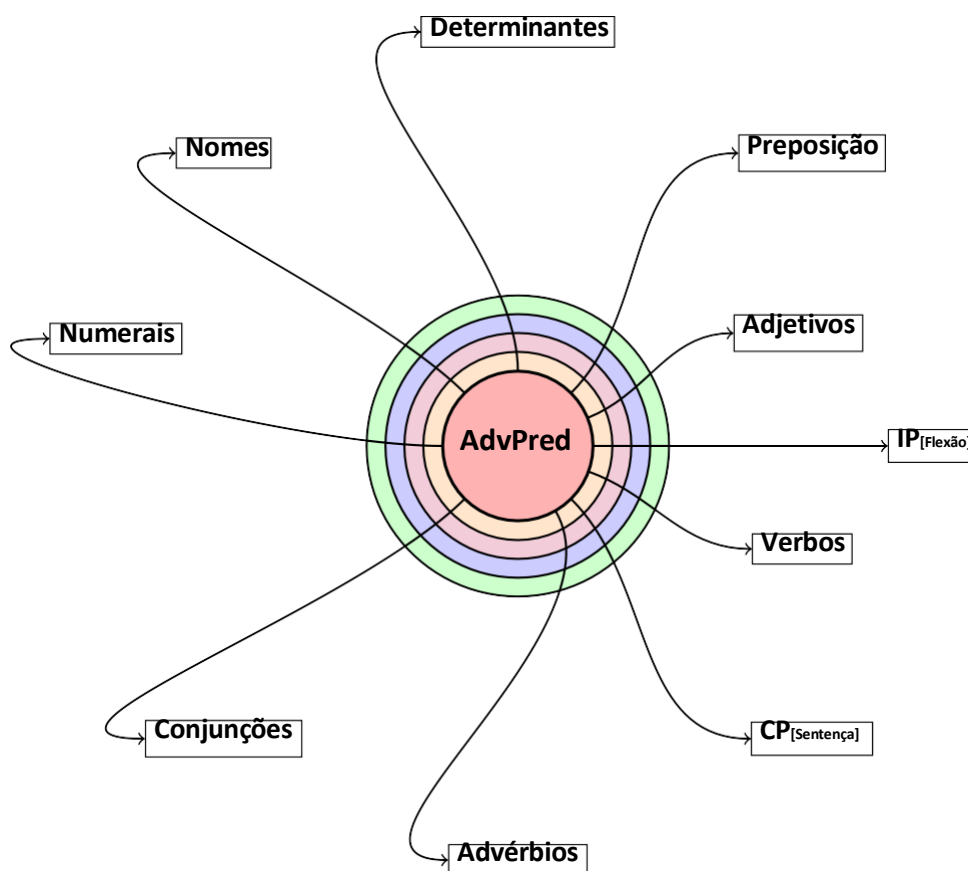


Figura 3: elaboração do autor.

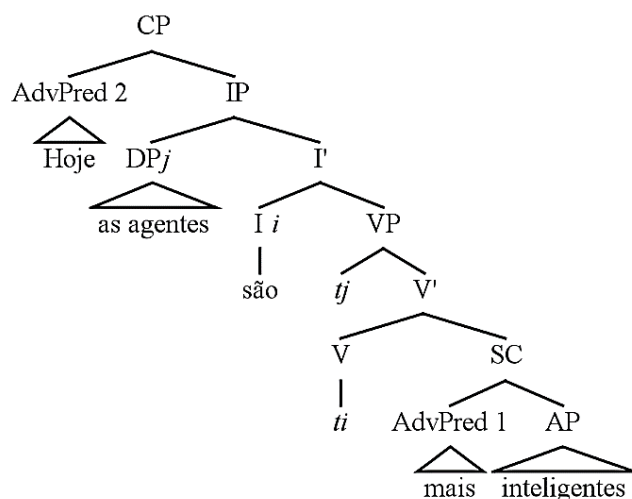
O esquema em que o AdvPred se apresenta como elemento centro serve para indicar uma rede de possibilidades da qual a estrutura pode participar como elemento predicator. A saber, estamos tratando da predicação no nível de conjunções, adjetivos, sintagmas nominais, cuja função é ser sujeito da frase, advérbios, numerais, sintagmas preposicionais e o que mais nos interessa: a sentença, que expõe todos os elementos concatenados.

É bem verdade que a discussão até este momento tem revelado que o advérbio não parece ser um predicator por conta própria,² pois depende de certas configurações na sentença

¹ CSPV é uma categoria analítica que enxerga os itens adverbiais como membros de uma rede de elementos interconectados às categorias da gramática do PB. Ou seja, as relações predicativas dos AdvPs com outros constituintes podem ser explicadas assumindo que o advérbio está envolto numa complexa rede de relações em que um elemento se concatena aos demais produzindo a predicação de camadas como (DP, SN, AdvP, VP, etc.) e de constituintes em que a flexão se manifeste (advérbios de IP) ou a sentença completa (por advérbios de CP).

² Quando falamos em predicator por conta própria estamos querendo fazer entender que o Adv não opera como um verbo do tipo chamar, que, ao ser processado pelo sistema computacional, carrega informações não manifestadas à priori. Sua estrutura, no entanto, diferentemente da do advérbio é requerida. Isso possivelmente coloca o advérbio numa posição inferior ao verbo, se compararmos esses critérios de seleção.

para que seja reconhecido como predicado que tem escopo sobre partes ou sobre a totalidade como o exemplo da frase seguinte.



Representação elaborada pelo autor.

A construção demonstra o escopo e a predicação em alto nível do advérbio, quando se manifesta sobre a totalidade dos objetos linguísticos que compõem a frase. No primeiro caso (AdvPred 1), o campo de atuação é restrito, de modo que modifica o AP (inteligentes) ligado ao DP mais à cima (as agentes). A estrutura (AdvPred 1) representa um modificador de intensidade do predicado AP que tem escopo diretamente sobre o sujeito alçado a Spec de IP.

O segundo caso, representado pelo (AdvPred 2), demonstra a predicação de uma estrutura superior às demais elencadas abaixo. AdvPred 2 domina a extensão que se projeta à sua direita encapsulada pela flexão IP. Esses casos são representados por Ilari (1990) como sendo “predicados sentenciais” e “predicados de constituintes”.³

As propostas a serem descritas de agora em diante representam mais diretamente a nossa análise e reproduzem as fontes teóricas das quais retiramos mais subsídios, tanto para a construção de hipóteses, quanto para fundamentar o nosso trabalho e não “cair”, eventualmente, em repetições ou simplesmente se distanciar dos objetivos que dão suporte a esta pesquisa.

³ Ilari (1990), ao fazer a distinção entre as duas classes de predicados, acrescenta que a classe dos advérbios predicativos de constituintes é constituída de entradas lexicais em que o escopo de modificação por meio da predicação englobe os constituintes mais remotos no espaço da sentença. Essa mesma lógica se aplica ao constituinte sentencial tomado por inteiro (a sentença). Fica definido, portanto, que os advérbios compreendidos como predicados de sentenças, quando têm escopo acentuadamente sobre a sentença (sem exercer nenhum tipo de relação com nível linguístico discursivo-pragmático, que se refere a uma terceira categoria de escopo dos advérbios), também se enquadram no elenco de predicados de constituintes frasais.

6.1 A influente aposta de Ernst (2006)

Dos estudos de base gerativista associados à sintaxe dos advérbios nas línguas naturais, a proposta de Ernst (2006) parece ser uma das mais influentes que entrega um modelo hierárquico enxuto pelo qual os advérbios são descritos. Fundamentado pelas teorias da adjunção baseada semanticamente (TABS), Ernst (2006) se opõe a modelos como as teorias dos especificadores funcionais (TEF), propostas já incorporadas por Laenzlinger (1998) em seus estudos.

Entre as hipóteses iniciais que o autor propõe, a fim de discutir a adjunção dos advérbios na estrutura sintática, está a de que os advérbios se inserem na construção sintática por meio da adjunção. Parte dessa ideia tem sido apresentada por Costa (1999-2004), anteriormente, ainda que sob um outro olhar. Costa coloca os advérbios como constituintes que podem se adjungir às diferentes categorias máximas que estão à cima. Ernst, de forma semelhante, entende que os advérbios também podem se adjungir a outras projeções livremente.

Além dessa semelhança teórica, Ernst (2006) vai mais além e explora os fenômenos com mais profundidade. Segundo ele, a ordem sintática em que os advérbios aparecem é regida não somente pelo componente sintático do qual dispõe a (GU), assim como aprovam os autores defensores da (TEF), Costa (1999-2004). A proposta de Ernst, nesse sentido, é a de que o ordenamento sintático dos AdvPs é delimitado por princípios de ordem semântica, isto é, o significado evocado pelas entradas lexicais (advérbios), assim como as regras de composição sob as quais se inserem no sistema, são mecanismos que restringem a colocação aleatória do advérbio na sentença.

Tendo isso em vista, a posição sintática que os advérbios ocupam é ditada por traços semânticos que vêm na própria entrada lexical, isto é, o significado que o advérbio apresenta desde do componente lexical. Isso, de certa maneira, explica a postura teórica a qual Ernst está associado, já que, as ordens em que ocorrem os Advérbios são determinadas via escopo. Ernst (2002) defende que o ordenamento entre os advérbios é determinado por elos com o escopo, ou seja, relações de escopo, que se desenvolvem no sistema de interface conceitual-intencional (λ), e são caracterizados na sintaxe via adjunções a algumas projeções de categorias.

Ernst (2004) propõe uma distinção para os elementos da classe adverbial que venham ocorrer de forma diferente. Para isso, ele distingue advérbios predicacionais de três tipos: (i) que funcionam como adjuntos, que se distribuem por relações de escopo, e estão dispostos acima do sintagma verbal (VP), (ii) os adjuntos que não estão atrelados às relações de escopo,

a saber: advérbios locativos, benefactivos e instrumentais e (iii) os advérbios que produzem relações em nível fraco quanto ao escopo, a saber: os de tempo e frequência, assim como os funcionais que transmitem a negação.

A reflexão teórica levantada até o momento, portanto, tem produzido em grande medida um certo olhar para a existência de advérbios que podem atuar como entidades predicativas em contextos nos quais se desenvolvem certas relações de escopo, como propõe Ernst (2002). A proposta de Ernst (2004) nos leva a pensar e ao mesmo tempo propor que haja um recorte de categorias adverbiais que operam seguindo um certo gral de predicação que vai do mais para o menos predicativo: $[+ \text{pred } \alpha = + \text{escopo } \alpha]$ ou $[- \text{pred } \alpha = + \text{pred } \beta = - \text{escopo } \alpha + \beta]$,⁴ conforme o quadro abaixo:

+Pred	Advérbio	+Escopo	-Pred	Advérbio	+Escopo
Pred- α	<i>hoje</i>	CP	Pred- β	<i>hoje</i>	CI
Pred- α	<i>infelizmente</i>	CP	Pred- β	<i>infelizmente</i>	CI
Pred- α	<i>produtivamente</i>	CP	Pred- β	<i>embora</i>	CI
Pred- α	—	—	—	—	—

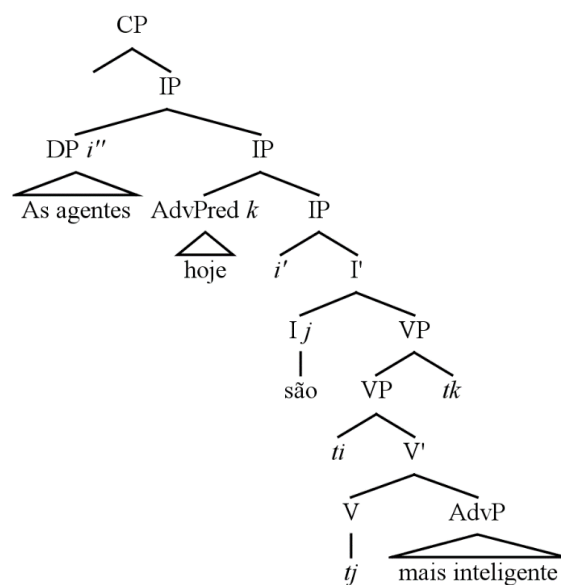
Quadro elaborado pelo autor.

No esquema, as estruturas anotadas por Pred- α são predadoras de sentenças que se ligam ao elemento mais alto da representação sintática, daí a manutenção de escopo sob os elementos mais elevados na camada sintática. Os itens indicados por Pred- β são as estruturas preparadas para “comandar” sintática e semanticamente constituintes isoladas (CI) na sentença, tais como VP, NP, AdvP, AP. Esta representação por variáveis, portanto, demonstra precisamente a direção do escopo, bem como retoma a lógica formal, definindo bem os termos que são alvo da predicação adverbial.

A relação do advérbio, quando colocado como predador que modifica a cena evidenciada pela sentença, é distinta, ao se comparar com a sua influência a determinadas categorias isoladas tais como os numerais de uma sentença. Isso faz parecer que, quando há um advérbio predador, o escopo parece não se dar inteiramente a nenhum elemento frasal em especial. De posse dessas informações, sabemos, portanto, que na sentença em que o advérbio

⁴ Este esquema representa o um esboço dos advérbios com mais capacidade predicativa comparados a outros com menos capacidade de ser predadores. Em contextos em que a estrutura é predadora, o escopo certamente é remetido a alguma entidade sintagmática completa tal como a sentença, em contextos em que o papel predicativo é menor, o escopo é dado a apenas uma parte da composição. Nesse sentido, faz sentido adotar a representação em CSPV, já que DPs, NumPs e conjunções, por exemplo, representam partes sentenciais.

predicador se apresenta, a mudança de significado recai sobre uma composição total. Esta, talvez, seja a razão pela qual não se consegue normalmente estabelecer elos ou paralelos com um ou outro termo que compõem a sentença, quando o fenômeno é caracterizado por uma entidade predicativa desta natureza. Estes argumentos, com efeito, colocam em alerta definições do tipo “o advérbio é uma classe que modifica a significação de verbos, adjetivos ou de outro advérbio”. Algo contrário se realiza em *As agentes hoje são mais inteligentes*, sentença que evidencia a predicação a nível composicional total (uma sequência de elementos concatenados por *Merge* e outros processos de boa formação que, ao entrarem nos últimos estágios da derivação, a estrutura predicatora é o núcleo que modifica as propriedades semânticas da completude estrutural.



Representação elaborada pelo autor.

As projeções da árvore que envolvem os advérbios e as demais categorias funcionais fazem alusão aos argumentos de Cinque (1999) que afirma que os advérbios ocupam a posição de especificador de diferentes projeções funcionais numa sentença. Por essa razão, a estrutura move-se do domínio de VP para especificador de IP.

6.2 O esquema geral de Cinque (1999) aplicado ao PB

Cinque (1999) traz para os estudos em sintaxe adverbial um novo ponto de vista sob o qual se pode olhar para os objetos linguísticos que compreendem a classe gramatical. O autor analisa dados de algumas línguas para mostrar que a hierarquia não é aleatória, pois resulta de um reflexo da arquitetura universal produzida pela da gramática. Argumenta-se, nesta proposta que as estruturas adverbiais, por serem especificadores de projeções funcionais, não podem ser alocadas de forma livre na sentença rigidamente ordenada.

Cinque (1999) questiona a maneira como a tradição gramatical caracteriza a classe dos advérbios e discorda fortemente do argumento de julgá-los como adjuntos acessórios de uma sentença. Os estudos de Cinque (1999) fortemente inseridos na abordagem cartográfica deram aos advérbios o estatuto de termos especificadores de categorias funcionais e isso colocou a classe em um outro patamar de estudos, influenciando, sobretudo, a maneira de se conceber os advérbios dentro de uma sentença.

A investigação rigorosa ancorada principalmente nas propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios do Francês e do Italiano trouxe a diferenciação de duas classes distintas: os advérbios baixos (que se relacionam com a projeção baixa de VP) e os advérbios altos, cunhados de (advérbios sentencias) aos quais chamaremos de (advérbios de projeções altas ou de advérbios de CPs).

Em estudo sobre a mobilidade adverbial, julgando seu deslocamento em direção a diferentes partes da sentença, Cinque propõe que os advérbios de VP possuem uma ordem mais fixa na estrutura, ao passo que, os advérbios sentencias se mostram como elementos de fácil mobilidade, ainda que aconteça em alguns casos de essa mobilidade promover certos questionamentos pertinentes, mas não oportunos a esta altura da reflexão.

Na análise distribucional dos advérbios no Italiano, Cinque mostra que as estruturas que expressam habitualidade: *solitamente* “geralmente, normalmente” vêm antes do advérbio que expressa a negação mica, de modo que, caso a ordem seja invertida, passando à Neg (mica) + *solitamente*, como consequência, o resultado será uma sentença agramatical como nos exemplos do próprio Cinque (1999).

- a) Alle due, Gianni non ha solitamente mica mangiato,
ancora. ‘At two, G. has usually not eaten yet.’
- b) *Alle due, Gianni non ha mica *solitamente* mangiato,
ancora. ‘At two, G. has not usually eaten yet.’

Essa mesma lógica de ordem dos advérbios é replicável em Frances, dado que comprova o fato de o *pas* não poder anteceder o advérbio *généralement*:

- a) A deux heures, Gianni n’ a généralement pas mange, encore.
- b) *A deux heures, Gianni n’a pas généralement mange, encore.

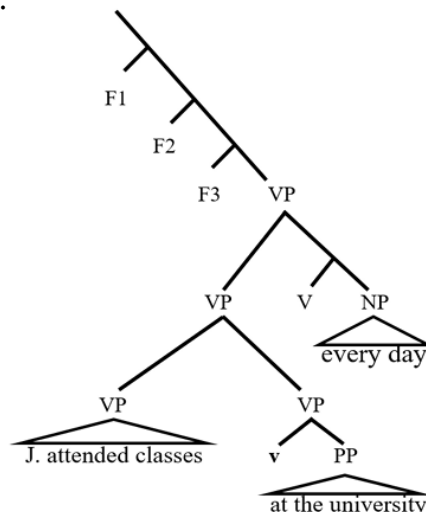
Tomando por base a descrição da ordem relativa dos advérbios e testando os limites da sua mobilidade frente à negação, Cinque propõe para os advérbios de projeção mais baixa as sequências que caracterizam a sua distribuição:

6.3 Advérbios baixos:

- a) solitamente > mica > gia > piu > sempre > completamente.
- b) generalmente > pas > deja > plus > toujours > completamente.

O ordenamento relativo que se estende à classe de advérbios baixos é também um mecanismo que caracteriza as estruturas cuja colocação se dá mais à cima, tais como os advérbios sentenciais que também se promovem seguindo uma ordem relativa. Cinque (1999), em concordância com Jackendoff (1972), acrescenta que advérbios como *intelligently* e *clumsily*, “advérbios orientados para o sujeito” acompanham “os advérbios orientados ao falante/orador”, e seguem advérbios como *probably*, que expressam o ponto de vista do falante, conforme Sueur (1978, p. 247) apud Cinque (1999).

Avançando na aposta de Cinque para os advérbios predicadores, temos que os advérbios de natureza circunstancial que seguem o complemento são predicados da projeção baixa VP, como representa o esquema proposto pelo autor em 1999 a partir da frase: *John attended classes at the university every day*.



Representação de Cinque (1999).

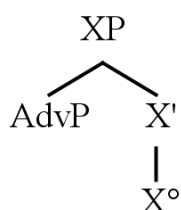
O constituinte *at the university* opera como predicado do VP formado por *John attended classes*, ao passo que, o constituinte NP *every day*, mais à cima, predica sobre um constituinte sentencial maior que é o VP *John attended classes at the university*. O esquema de Cinque (1999) permite observar que a predicação dos advérbios se faz seguindo uma hierarquia de

constituintes adverbiais, ou de adjuntos com função adverbial, mais altos (que predicam sobre elementos mais baixos que recebem certas atribuições). A estrutura prediativa constrói, nesse sentido, um arranjo de elementos sob dominância de forma hierárquica, isto é, além das atribuições necessárias a cada constituinte, como é o caso de *at the university* e *John attended classes*, o NP *every day* atua sob as camadas informacionais alocadas a baixo.

Os advérbios mais altos, que detêm sob o domínio estruturas maiores (a totalidade das entidades alocadas em CP), assim como os mais baixos, internos ao sintagma verbal (VP) que domina combinações específicas na sentença, montam uma grade de advérbios com propriedades semânticas particulares entre si, daí a importância do componente semântico para definir e diferenciar os itens que operam como predadores com mais incidência na frase.

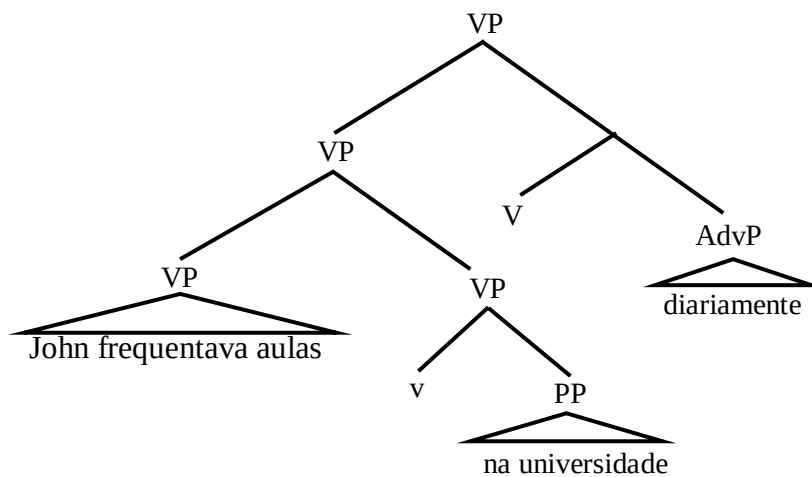
A proposta que, talvez, seja mais referenciada no trabalho de Cinque é a de que os advérbios são realizados na estrutura oracional com o rótulo de especificadores de núcleos funcionais, Cinque (1999). Tal proposta se sustenta pelo fato de as diferentes classes adverbiais, da mesma forma como a ordem relativa pela qual se estruturam nas diferentes línguas humanas parece representar um ponto em comum, ou seja, uma combinação que parece ser parte das línguas humanas.

O esquema geral que Cinque (1999) sugere para o posicionamento sintático dos advérbios na estrutura das línguas humanas indica uma hierarquia rígida, bem como as relações de dominância de um objeto sintático sobre o outro.



Representação de Cinque (1999).

A representação de Cinque (1999) aplicada ao PB, conforme a representação da (página 37) mostra como determinadas camadas da representação dominam estruturas tipicamente mais baixas na sentença. Em *John frequentava aulas na universidade diariamente* percebemos esta relação.



Representação de Cinque (1999) aplicada ao PB.

De outra forma, submetendo esta mesma lógica a uma representação em conjuntos, temos que uma estrutura age sobre outra e consequentemente exerce uma determinada posição proeminente na frase a partir disso, a saber: os traços predicativos que lançam um feixe de propriedades aos constituintes inferiores que não detém o valor (traços) semântico que a estrutura adverbial apresenta no contexto da frase.

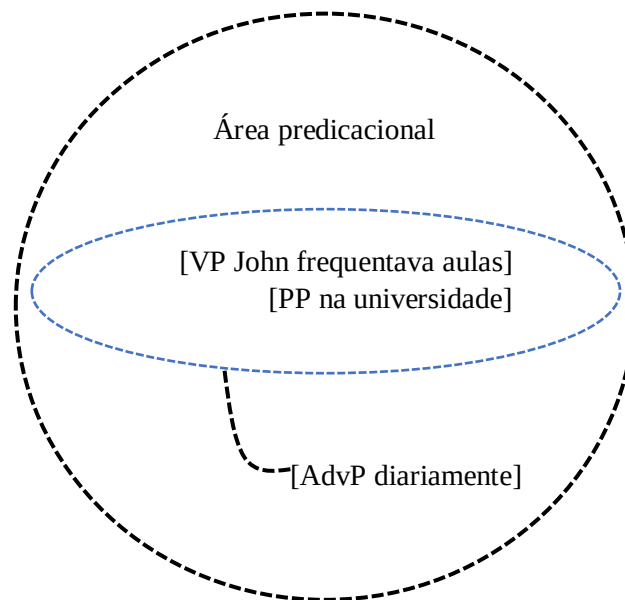
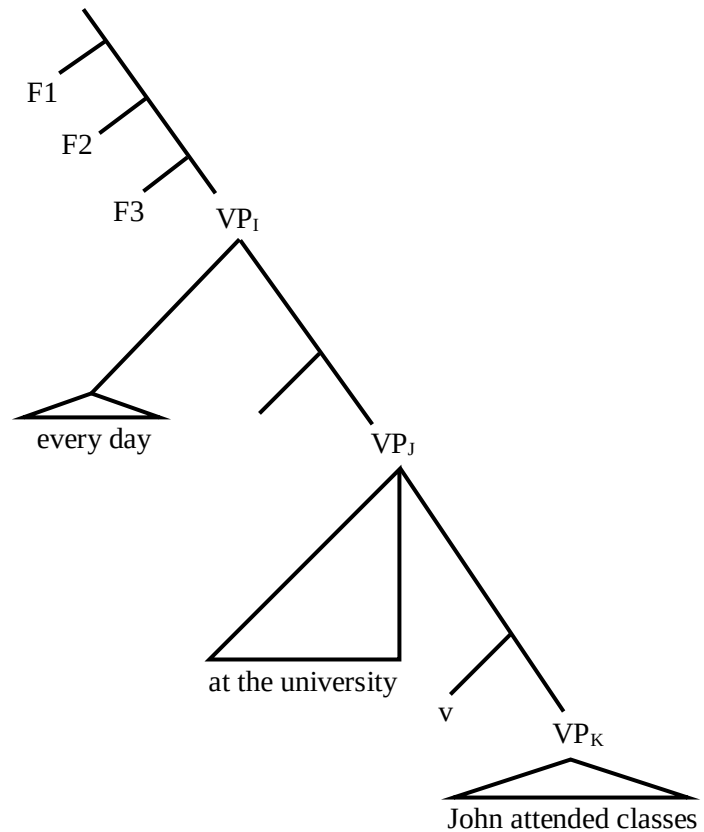


Figura 1: Área predicacional.

A indicação por setas sugere a predicação distribuída por meio de uma cadeia de elementos posicionados hierarquicamente que comandam uns aos outros. O constituinte na universidade opera como predicado do VP formado por John frequentava aulas, ao passo que, o constituinte AdvP diariamente, mais à cima, predica sobre um conjunto de elementos concatenados maior que é o VP John frequentava aulas na universidade *diariamente*.

Dando mais credibilidade a esta proposta totalmente aplicada ao PB, observa-se que uma alternativa à projeção da figura em 4 seria (5a). Assim, podemos dizer que a configuração em 4 deriva da estrutura subjacente em (5a), em que o sintagma preposicional PP, munido de características adverbiais em especificador de uma concha de VP distinta, articula certas atividades na sentença, tais como: movimentos consecutivos na periferia esquerda do VP mais baixo, bem como a elevação à especificador mais alto para afirmar possivelmente a predicação exigida, Cinque (1999).

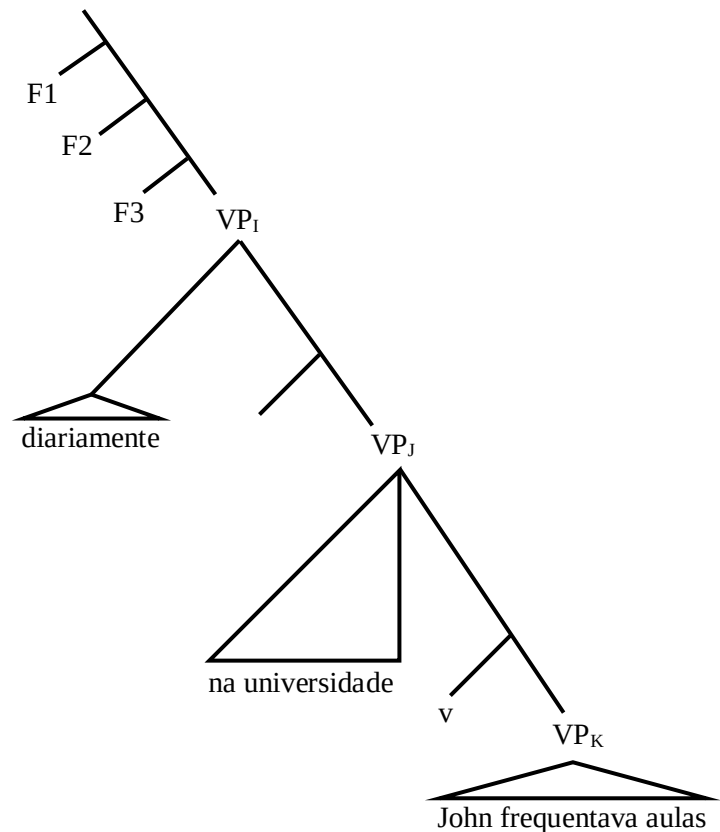
(5a)



Representação de Cinque (1999).

A arquitetura em PB é compatível com a configuração estrutural que Cinque (1999) propõe em seus estudos com base no inglês. Cabe deixar claro que em (5b) os movimentos na periferia esquerda do VP mais baixo são para estipular possivelmente a predicação demandada.

(5b)



Esquema de Cinque (1999) aplicado ao PB.

As considerações de Cinque (1999), portanto, representam um grande ganho descritivo para os dados do PB e contribuem fortemente para a nossa descrição. A este respeito, os advérbios que são predicadores “por excelência”, quando participam de estruturas frasais que se configuram como em: as agentes hoje são mais inteligentes seguem as proposições que o autor apresenta em seu trabalho. Segundo esta visão, os advérbios não são somente núcleos que fazem parte da projeção estendida de VP, mais além disso, a classe adverbial percorre as posições de especificador como projeções funcionais, além de serem elementos que admitem a realização de movimentos de topicalização e focalização.

6.4 A hipótese descritiva de Ilari (1990)

Ilari *et al.*, (1990) promove, por meio de uma análise de natureza descritiva, a subdivisão da classe de advérbios em três categorias distintas, a saber: (i) modificadores de constituintes inteiros: Alex comprou as portas [certamente para o quarto de Maria], (não para o de João), ⁵ (ii) modificadores de sentenças: Felizmente, eu não queria me juntar a esse grupo político..., mas infelizmente tenho e (iii) modificadores de discursos: “Quer dizer, somos de famílias

⁵ Exemplo adaptado de Mito (2004).

grandes, e então acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente”.⁶ Uma das importâncias que se dá nos estudos de Ilari et al., (1990) é em relação à distinção entre advérbios predicativos e não-predicativos. Para isso, o autor apresenta três etapas que testam a veracidade do núcleo do sintagma (núcleo significativo)⁷ como estrutura que é afetada pela atuação dos advérbios como itens predicativos ou não.

- 1) Considerar o adjetivo ou o verbo e outras classes “em estado de dicionário”, por exemplo: o verbo cantar.
- 2) Pensar a respeito de sua definição lexical, chegando a um núcleo sintagmático/significativo.
- 3) Investigar como a estrutura nuclear do sintagma (núcleo significativo) foi afetada pela estrutura adverbial predicativa. Exemplo: “cantar (muito) mal (como a ação de emitir com a voz sons musicais não melódicos e harmoniosos) ”.⁸

No caso de AdvPs não-predicativos, segundo a visão do autor, não haveria alteração na semântica do núcleo significativo afetado, de alguma forma, pelo predicado. Casos como esses são vistos em sentenças como (4), em que não ocorre alteração da semântica do núcleo sintagmático sob o qual recai a “atividade predicativa” do advérbio.

- 4) Roberto Carlos cantou ontem/aqui aquela linda música do Jorge Ben Jor.

O caso contrário seria, se a sentença, cuja alteração na semântica, representasse algo real evidencializado por casos reais da língua, como em (5):

- 5) Roberto Carlos canta espetacularmente/bem a música popular brasileira.

Lobato (2008), no entanto, em seu estudo sobre supostas estruturas adjetivas em uso adverbial, propõe como resolução de problemas três casos para estruturas categóricas com terminação em mente. A saber, são delineados de: (i) atributos temporais, (ii) atributos de modo e (iii) sentenciais. O segundo caso (atributos de modo), também do nosso interesse, não predicam propriedades sob a entidade referenciada pelo SN sujeito. Seu escopo, contudo, é destinado a uma estrutura específica que compreende o núcleo verbal, sobre o qual recai certas propriedades. Os exemplos subsequentes iram demonstrar o que chamamos de escopo reduzido (quando os advérbios, em primeira instância, mantêm relações com apenas uma categoria parte

⁶ Ilari idem, Apud Santos (2011).

⁷ Representa o elemento central do constituinte/sintagma determinador das relações desenvolvidas internamente, segundo empreende a Teoria X-Barra, Mioto *et al.*, (2009).

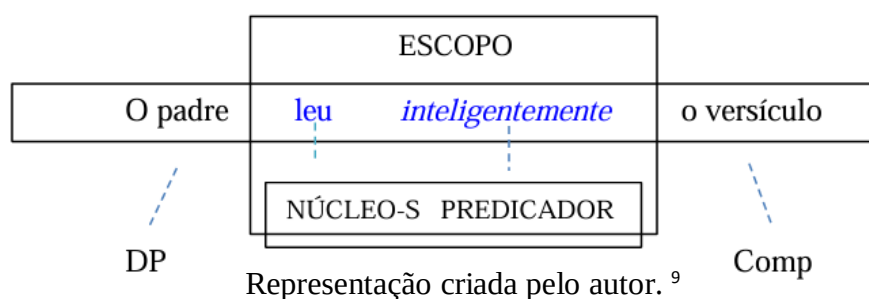
⁸ Exemplo retirado de Santos (2011).

da sentença: NP, VP, AP, etc.) e, à medida que se tornar possível a permanência pré-verbal do advérbio, o escopo é expandido e recai sobre conjuntos maiores até dominar a sentença por completo.

A categoria de advérbios modificadores de constituintes inteiros é, na verdade, uma forma de representar predicados de constituintes (argumentos, adjuntos e complementos à parte). Nesse sentido, o grupo de advérbios com potencialidade predicativa sobre constituintes é composto por todas as entradas lexicais de advérbios em que o escopo de modificação pela predicação abarque, via de regra, os constituintes remotos no interior da sentença ou até mesmo pode se dá em níveis maiores a ponto de expandir seu escopo para constituintes sentenciais complexos na sua composição estrutural como é o caso da sentença em sua completude.

A diferenciação entre a predicação ao constituinte e a predicação sentencial pode ser explicada pela relação de escopo entre o advérbio e o constituinte que recebe alguma atribuição ou pelas relações que se estabelecem entre o advérbio predicador e a entidade alvo da predicação. Sendo assim, apenas o núcleo significativo do constituinte, quando se trata da predicação a nível de constituintes, recebe escopo.

6) O padre leu *inteligentemente* o versículo.



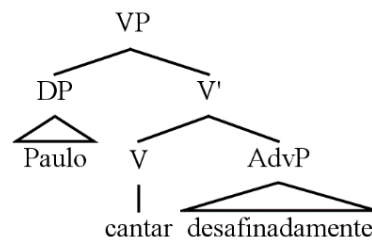
A representação do nível de predicação alicerçada ao núcleo significativo de um constituinte constrói um entendimento central para essas questões. Parece ser o caso de existir um núcleo (um elemento centro) que recebe e que é alvo de atribuições do AdvP predicador, mesmo diante da predicação sentencial. No caso de sentenças em que a predicação se expande para um viés atributivo maior, é necessário compreender sob qual elemento recai a predicação. Este questionamento se torna mais claro ao se deparar com as representações de Cinque (1999) nas quais se destacam a predicação de certas camadas (constituintes envoltos numa relação de

⁹ Nesta representação, o VP é alvo da predicação do AdvP *inteligentemente*.

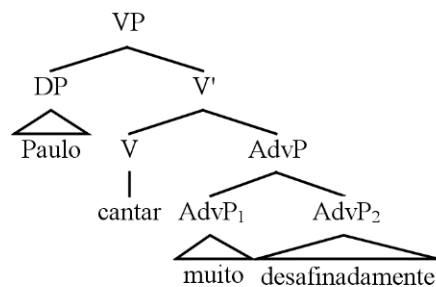
dominância) até chegar à fase em que o AdvP passa a influenciar sintático e semanticamente toda a sentença.¹⁰

Nesse sentido, os Advérbios de caráter qualificativo são estruturas que realizam de forma mais transparente operações em que um predicado posicionado numa camada superior tenha escopo sobre outro de ordem inferior,¹¹ Castilho *et.al* (2014). Isso resulta numa predição de uma estrutura superior sobre outra inferior, como aponta o esquema abaixo.

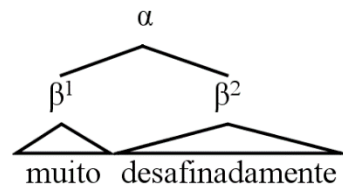
1. Paulo canta *desafinadamente*.



2. Paulo canta muito desafinadamente.



Vendo desta forma, um predicado que exprime propriedades de propriedades de indivíduos (como desafinadamente), neste caso, é de ordem superior em relação ao predicado que expressa propriedades de indivíduos como canta. O esquema que se adquiri é, então, de propriedades de [propriedades de (propriedades de um dado indivíduo)], já que, o advérbio muito em Paulo canta muito desafinadamente está se referindo de forma atributiva à desafinação do canto do componente sintático Paulo.



Representação criada pelo autor.

¹⁰ Motivações sintáticas advêm do fato de que, ao mover um constituinte de uma posição para outra, o resultado que se pode alcançar é a mudança de ordem que pode gerar agramaticalidade, influências semânticas podem ser testadas no momento em que a modificação da ordem do AdvP predicator altera o sentido da sentença e o escopo passa a se dar ao núcleo significativo do constituinte e não mais à sentença. A mudança de posição, neste caso, parece apontar para escopos diferentes, hora para núcleos sintagmáticos, hora para sentenças estruturadas a partir da ordem SVO.

¹¹ A hierarquia de predicados a que fazemos referência aqui, quando falamos em camada superior e ordem inferior, trata-se de uma hierarquia abstrata de expressão lógico-semântica.

Dessa forma, o escopo de β_1 recai sob β_2 , por estar numa camada inferior em relação ao primeiro advérbio, e tanto β_1 quanto β_2 tem escopo sobre VP subordinado sintaticamente e semanticamente às estruturas intensificadoras e qualificadoras respectivamente. Podemos imaginar, com efeito, que essa estrutura possa ser replicável em outras línguas, por exemplo. Essa atribuição de propriedades a entidades que expressam propriedades reforça a ideia de recursividade entre as estruturas sintáticas. Se um advérbio modifica um outro, uma cadeia de advérbios qualificativos posicionados mais acima na sentença pode estar ligada por essa mesma lógica de predicação de camadas superiores a inferiores ou simplesmente pela hierarquia existente na gramática adverbial.

Este tipo de proposição com base nos dados e na nossa própria intuição de falante nativo da língua portuguesa nos faz indagar a respeito dos mecanismos que possam possibilitar a promoção do advérbio à categoria predicativa. De forma objetiva, uma estrutura capaz de alterar as propriedades de um conjunto de elementos concatenados, que se estruturam seguindo princípios hierárquicos, deve ser caracterizada, a fim de ser possível o reconhecimento dos elementos que licenciam suas atividades predicativas.

De posse dessas informações, a **mobilidade** dos AdvPred pode ser critério licenciável que impulsiona o fenômeno predicação ou barra certas atribuições semânticas, que se constitui como fator característico de entidades predicativas. A análise não exaustiva das posições ocupadas pelos advérbios predadores significou que, quando se trata de um advérbio predador que participa de um contexto sentencial em que os elementos a sua volta estão sendo alvos de algum tipo de atribuição, a sua posição é variável e pode ocorrer em diferentes espaços da ordem relativa S. V. Comp.

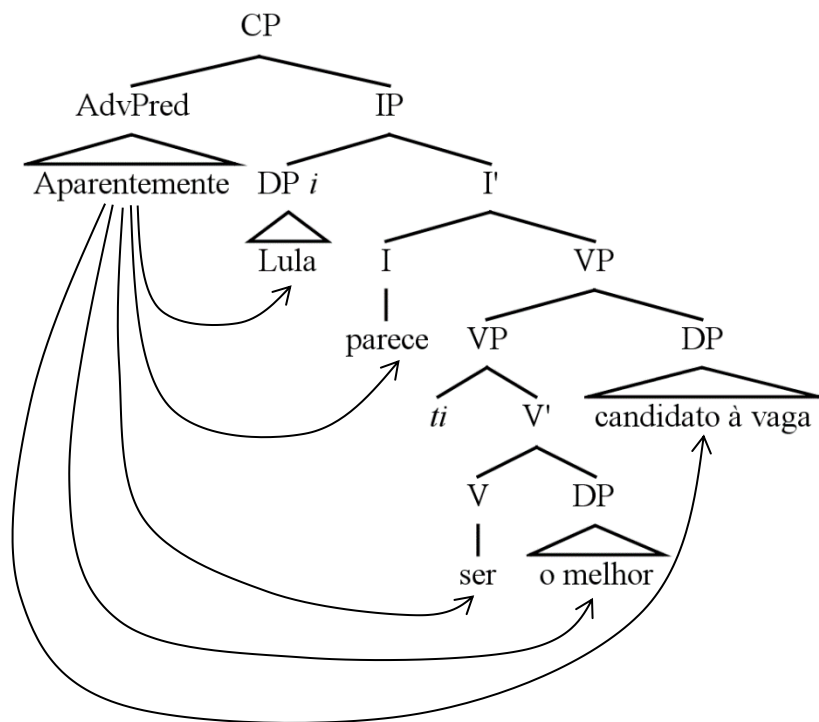
Na frase a seguir, o advérbio *hoje* indica um fato, situado em um determinado período do tempo e atua sobre o escopo da frase. A ordem variável faz com que a indicação de tempo seja manifestada em diferentes espaços da estrutura oracional. Atesta-se, portanto, com base na ordem de as agentes *hoje* são mais inteligentes que a mobilidade dos AdvPred é um traço recorrente nessas estruturas.

1. As agentes são mais inteligentes *hoje*;
2. as agentes *hoje* são mais inteligentes;
3. *hoje* as agentes são mais inteligentes;
4. Paulo canta *desafinadamente*;
5. *desafinadamente* Paulo canta;

6. Paulo *desafinadamente* canta;

Esta regra, ainda que não seja necessariamente universal, ocupa uma posição importante na sintaxe adverbial do PB, seja para fundamentar a ideia acerca de advérbios predicadores seja para garantir que tais entidades carregam certos traços, comportamentos que se manifestam em contextos frasais propícios, como é o caso de 7.

7. *Aparentemente*, Lula parece ser o melhor candidato à vaga;



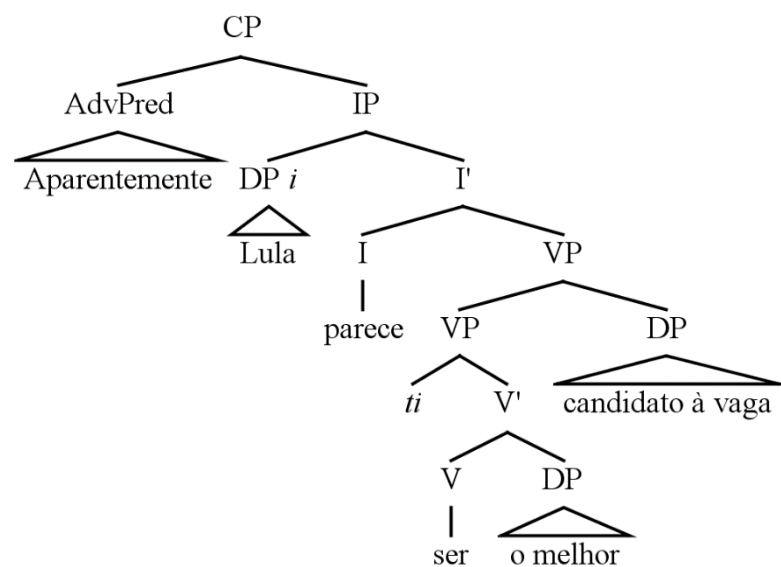
Representação criada pelo autor.

A **ligação imediata** a um dado elemento desta sentença, por exemplo, aparentemente conectado ao núcleo ser tornaria a sentença agramatical. É o mesmo que afirmar que nestas circunstâncias, o AdvPred predica sobre o VP ou simplesmente sobre sua extensão. Se esta afirmação for tomada como verdade, a predicação se torna incompleta, pois deixa-se de contemplar estruturas em Spec que estão fora do domínio do VP. No entanto, assumir, ainda que de forma indireta, a relação do AdvPred com os DPs, e a flexão torna nossa proposta ainda mais complexa, em contrapartida, nos faz assumir uma hipótese teórica para esse tipo de sentença: Advérbios predicadores de CPs desenvolvem relações curtas com elementos periféricos, mas a sua principal função é ser um modificador de uma série de elementos concatenados em CP.

Esta proposição advém da aparente ausência de referência explícita a determinadas partes da composição frasal pelo advérbio predicator. Logo, torna-se mais pertinente,

compreende-os como predicadores de CP e de IP, mesmo sendo possível constatar o escopo em VP. Acrescentamos IP como projeção que recebe alguma influência de AdvPred, por razões de movimentos/alçamento, isto é, se o DP Spec de VP em DS estiver fora da rede de relações que se desenvolve entre o predicator e a projeção estendida do VP pós movimentos, o DP Lula, por exemplo, torna-se um elemento pouco especificado e esvaziado de possíveis atribuições semânticas que elemento adverbial possa conferir.

O esquema em (7) passa ser representado como uma estrutura que é encabeçada pelo sintagma adverbial predicator em forma de elemento especificador da categoria funcional, conforme (8).



Representação criada pelo autor.

A impressão inicial que se produz é a de que os advérbios, via de regra, estão localizados próximo do termo ao qual opera, visto que, semanticamente atuam sobre outras palavras, conjunto de termos ou expressões, inserindo certas propriedades semânticas como: qualificações, modalidade, tempo, dúvida intensidade, entre outras. Notadamente, a representação em (8) foge do padrão frequente assumido pelos trabalhos que investigam o advérbio numa perspectiva reduzida do seu escopo. Propostas como estas são enfatizadas pelas gramáticas tradicionais, bem como nas discussões em sala a partir das aulas de português. Isso, entretanto, coloca a classe adverbial numa posição “inferiorizada” diante das demais, já que se encontra limitadamente associada a porções localizadas da sentença e ocupa uma posição pouco proeminente, quando imaginada como uma estrutura que modifica somente os adjetivos, os verbos e a si próprio. A análise é dada por finalizada, na maioria das vezes e, assim, continua-se a investir numa descrição pouco produtiva e reducionista.

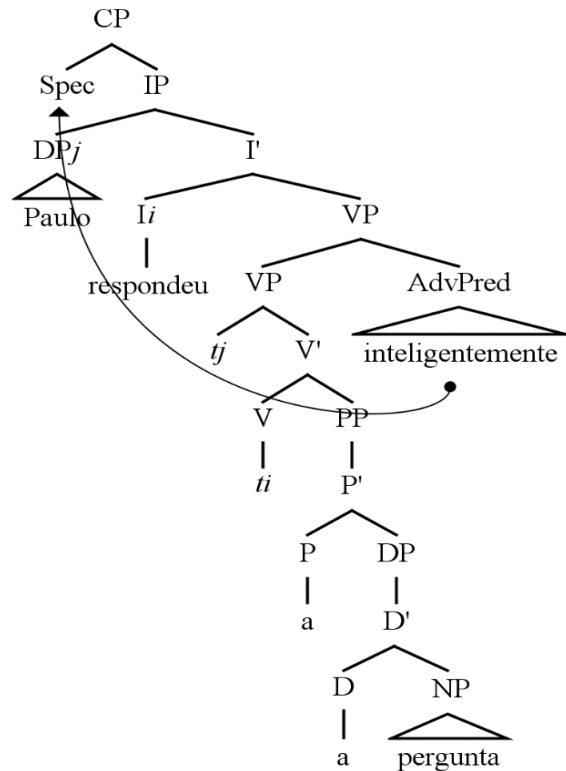
Encerrar ou dar por finalizada a atuação adverbial diante de outras classes fora do padrão previsto pela GT, seria pôr em desavença tanto a gramática internalizada do falante, que passa por várias fases de reformulações e amadurecimento durante o seu convívio social, quanto estaríamos, de certa maneira, omitindo representações como as que estamos expondo neste trabalho.

No entanto, é através do intuito de mostrar a real natureza e a atuação de certas classes gramaticais que entendemos ser necessário representar nos manuais de gramática tradicional os vários contextos em que o advérbio se destaca como categoria que predica e tem escopo sobre uma quantidade significativa de item concatenados. Uma simples análise como a de Cegalla (1985) que reflete acerca de categorias adjuntas de outras e mede o alcance das classes modificadas pelos advérbios que, por vezes, vêm a interferir no estatuto semântico de adjetivos, de verbos e de outros advérbios não entrega uma descrição gramatical completa com o que é evidencializado na sintaxe e na semântica e, em última instância, no processamento cerebral dos advérbios, pois, se são reconhecidos como dados gramaticais que não fogem da sistematicidade da gramática que o PB reproduz, devem ser descritos conforme são produzidos tanto por um viés mais abstrato, desde a formatação gramatical inicial que se dar em algum módulo mental que representa a linguagem Chomsky (1981) quanto pelo trabalho de discutir e hipotetizar acerca dos dados evidenciados pela literatura que coloca os advérbios como objeto de análise.

Na seara dos estudos semântico-filosóficos de Donald Davidson, há um consenso estabelecido em relação ao fato de que os advérbios podem funcionar como predicados de eventos Parsons (1990) e Foltran (2010). Seguindo a proposta neodavidsoniana, Parsons (1990), os verbos e adjetivos são termos que denotam um conjunto de eventos, os advérbios operam como modificadores deste evento. Há, que se confirmar, portanto, sobre qual esfera os AdvPreds atuam. A resposta momentânea que podemos propor neste momento é a de que o escopo do advérbio predicador parece se dar a toda extensão sentencial, no entanto, a predicação, por esse viés teórico, é localizada no componente semântico, pois está ancorada ao evento, ou seja, ocorre por determinações semânticas que são responsáveis pelo domínio do evento projetado pela sentença.

A representação a seguir deve mostrar a predicação a nível de eventos, partiremos do exemplo: Paulo respondeu à pergunta inteligentemente, a fim de perceber como se estrutura o pensamento predicativo, segundo os princípios de decomposição dos termos, assim com a função das estruturas.

9)



Representação criada pelo autor.

A representação em (9) alude ao evento de responder em que se constata o DP Paulo (projeção externa) como agente e a pergunta (projeção interna de VP) como tema. O evento que esta soma de elementos organizados hierarquicamente produz é tido de maneira inteligente, ou seja, o evento/ato de responder foi realizado de forma inteligente.

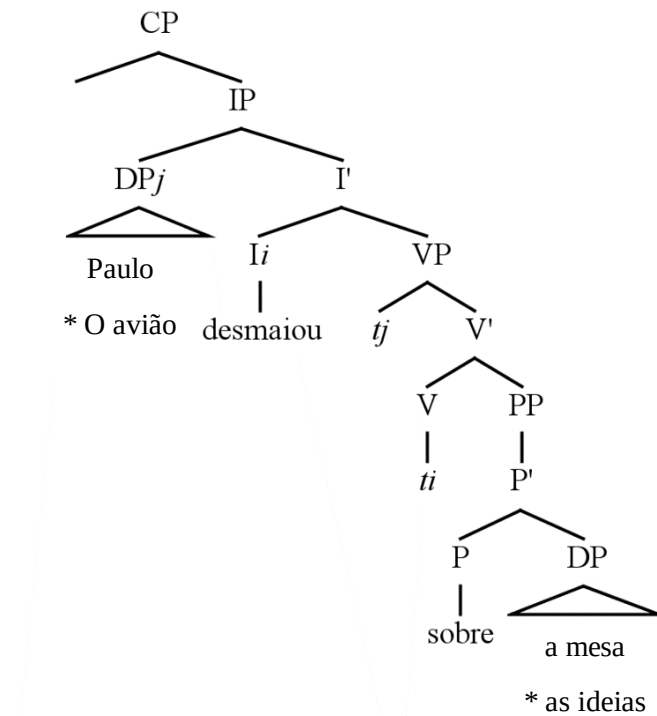
Os advérbios tomados genuinamente pela sua forma parecem não espelhar propriedades de seleção semântica tais como as que são percebidas no verbo desmaiar em: Paulo desmaiou. Com efeito, somos levados a pensar que a categoria lexical em questão não dispõe de um dos traços que compõem uma unidade lexical conforme aponta Mioto *et.,al* (2005) para os verbos, os adjetivos, os nomes e as preposições.

	[+N]	[-N]
[-V]	nome	preposição
[+V]	adjetivo	verbo

Núcleos lexicais, Mioto (2005).

A junção de características que compõem uma estrutura lexical também diz muito a respeito de suas capacidades predicativas. Com os verbos, por exemplo, ocorre seleções a nível semântico (s-selection) e a nível categorial (c-selection).

(10)

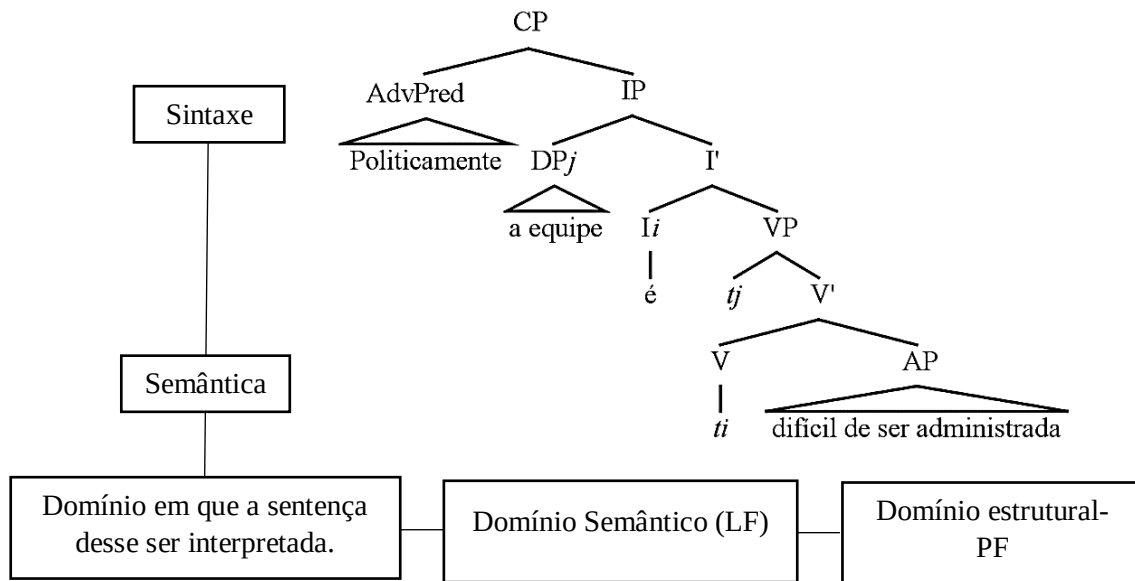


Representação criada pelo autor.

A razão pela qual o sistema gramatical não admite estruturas como [*O avião] e [*as ideias] como argumentos projetados per VP advém dos princípios de (s-selection) e (c-selection). No primeiro caso, as condições de boa formação semântica são ativadas, de modo que deve haver estruturas semanticamente compatíveis com a seleção verbal, no segundo caso, há a demanda pela escolha categorial adequada, logo o PP é responsável por licenciar a categoria.

Essa mesma lógica em que se institui certas barreiras ou princípios de boa formação sentencial pela utilização de regras parece não se aplicar aos AdvPreds. Isso talvez seja devido ao fato de os advérbios com essa natureza predicativa não se comportarem como verbos ou como nomes. É necessário compreender, portanto, que o AdvPred “ataca” uma porção da construção sintática que corresponde ao viés de sentido da sentença. Daí, vem a noção de que não parece ser possível assumir que o advérbio seja um predicado como os verbos que selecionam argumentos e projetam posições.

A construção a seguir aponta para o domínio predicativo no qual o advérbio tem sua atividade atributiva efetivada: *politicamente*, a equipe é difícil de ser administrada, a equipe é *politicamente* difícil de ser administrada, a equipe é difícil *politicamente* de ser administrada (sentenças retiradas do trabalho de Foltran & Souza (2019)).

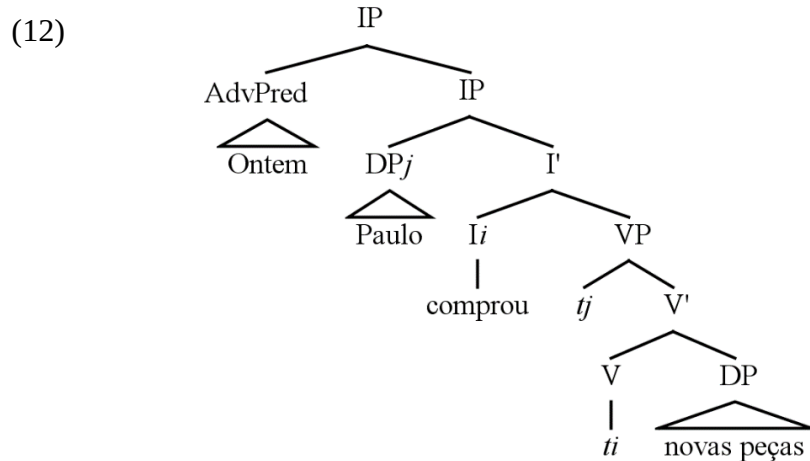


Esquema elaborado pelo autor.

Politicamente nessa construção marca o domínio em que a sentença deve ser interpretada, noutras palavras, restringe as possibilidades administrativas a um referente específico: o domínio político da equipe. Esta modificação sentencial tomada como exemplo indica que a predicação altera um domínio específico que pertence ao âmbito do significado da sentença. Esta representação retoma novamente a relação entre sintaxe e semântica de forma direta, desde as operações iniciais, que se desenvolvem com o *Merge*, ao domínio discursivo, quando entra em contato com o conjunto de idiossincrasias contextuais. Temos, nesse sentido, o domínio estrutural sendo alimentado por forças semânticas que indicam diretamente o significado e o sentido da sentença. Nesse cenário hierárquico de interferências, o AdvPred, especificador da projeção mais alta da sentença, é a unidade que fundamenta o sentido total das partes a partir de IP. Nesse sentido, podemos afirmar que o AdvPred realiza uma atividade essencial para o componente semântico, pois muda o caráter interpretativo do enunciado, além de especificar e restringi-lo.

7. Advérbios de IP

Assumir que existem advérbios que se ligam semanticamente à flexão é, de certa forma, projetar uma ideia de que tanto os AdvPreds de CP quanto os de IP afetam o conteúdo semântico de projeções funcionais que podem ser universais nas línguas. É válido mostrar que em muitos casos, os advérbios que aparecem ligados à flexão representam uma semântica voltada para o tempo. Podemos, então, tentar medir o nível de relação entre as projeções, a fim de demonstrar correspondências como fizemos entre o AdvPred e o CP, enquanto entidade que representa a sentença por completo.



Representação criada pelo autor.

Na construção, o advérbio *ontem*, especificador de IP, é a categoria que desenvolve a predicação no nível flexional. A relação pode ser medida através da aparente conexão entre o VP que carrega a flexão e o advérbio mais acima que encabeça a sentença e reforça a perspectiva do significado projetado pela noção de passado. Em outras palavras, [compr + ou] carrega em sua estrutura terminal a ideia de passado repassada pelo –ou, ao adicionar um advérbio com as mesmas características que o tempo verbal emprega, ocorre um processo de reafirmação do tempo do verbo em questão. Compreende-se, portanto, que a compatibilidade semântica evocada entre a flexão e o advérbio possa criar uma ideia de reforço da noção de passado que se dar pela caracterização dos traços: [*ontem* + passado, compr-ou + passado].

Chierchia (2003) focada em noções precisamente semânticas observa seis tipos de modificadores adverbiais: modificadores de atos linguísticos, modificadores de sentenças, modificadores orientados, modificadores de sintagma verbal e os advérbios quantificadores. Sobre o grupo que nos interessa (advérbios modificadores de sentenças) constata-se que age particularmente em relação aos demais de mesmo status predicacional.

(13) Felizmente, João não foi ao baile; Ilari & Basso (2004);

(14) João provavelmente sabe resolver esse problema, Ilari & Basso (2004).

Uma diferença que torna pertinente o reconhecimento dos dois advérbios é a aparição do advérbio *felizmente* que entrega uma informação que não interfere “[...] no cálculo da interpretação do conteúdo proposicional da sentença, servindo na realidade para qualificar a própria asserção (tenho a felicidade de acertar que...)”, Ilari & Basso (2004).

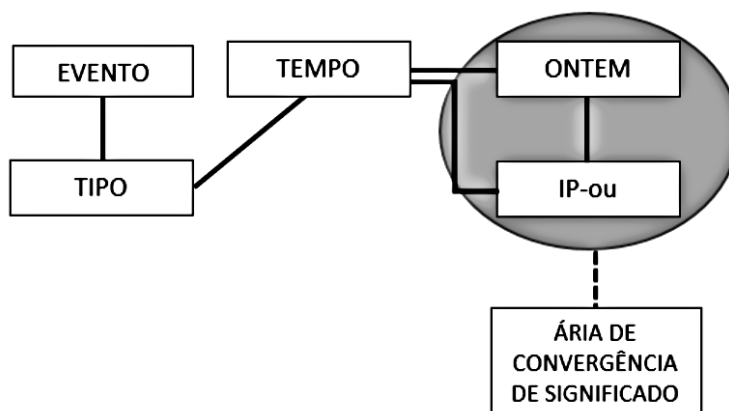
Noutras palavras, os autores se referem ao fato de que *felizmente* em (13), diferentemente de *provavelmente* em (14), não se aplica ao conteúdo proposicional (semântico)

do qual dispõe a sentença. A estrutura destacada em (14) se aplica ao conteúdo refletido pela sentença: “João sabe resolver esse problema” abrangendo, pois, como um todo, a sentença. Acrescenta-se, também segundo o olhar de uma semântica pautada em valor de verdade que a função de provavelmente se dá por indicar que existem “[...] mundos possíveis parecidos com o nosso em que esse conteúdo é verdadeiro”, Ilari & Basso (2004, p. 194).

A semântica de valor de verdade produzida por Frege (1967) bem como a perspectiva estritamente semântica no tratamento dos adverbial segundo Chierchia (2003), entretanto, adquire mais representatividade em trabalhos que lidam com uma perspectiva ainda mais matematizada, baseada em cálculos de predicados e em outros recursos metodológicos que estão fora do nosso alcance e propósito neste momento.

Retornar a (12) sem se ater ao papel que o AdvPred desempenha na construção flexional seria como deixar de fora parte de nossa proposta. Nesse sentido, a representação semântica a seguir envolve a predicação direcionada à camada flexional de VP elevada a IP.

Representação semântica: (ontem Paulo comprou novas peças)

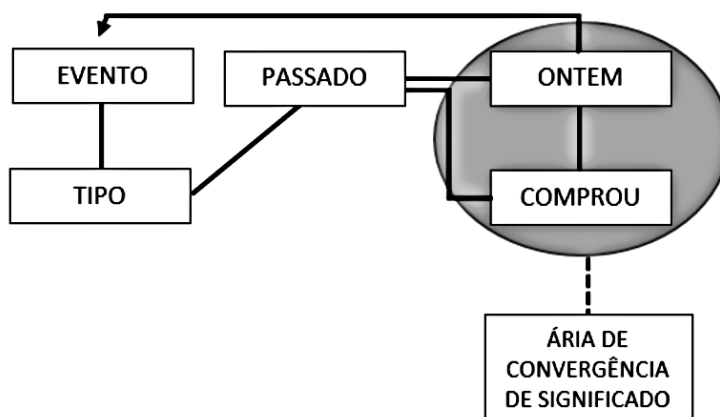


Esquema elaborado pelo autor.¹²

A criação do “ambiente área de convergência” objetiva tornar mais claro e indicar um ponto em comum onde as informações de tempo são passadas e computadas pela flexão. Em outros termos, trata-se do momento em que o advérbio capta o evento e atua como estrutura “modeladora” do significado que a sentença projeta: há um tempo específico que se refere à compra de peças por um determinado agente, tal que esse tempo é especificado pela morfologia da terminação verbal e reafirmado pelo advérbio *ontem*. O fato de reafirmar ou enfatizar a

¹² A área de convergência indica o ponto de “leitura informacional” entre o AdvPred e a estrutura flexional. Ela foi criada para representar um possível momento em que um item lexical computa os traços do outro e, a partir disso, constrói-se o que resolvemos chamar de área de convergência de significado.

representação de passado (ontem comprou) se constitui como um predicado de evento que se realizou no passado.



Representação criada pelo autor.

A estrutura concatenada Ontem Paulo comprou novas peças monta o que estamos acostumados a referenciar de evento, responsável por espelhar as informações computadas pelo AdvPred via flexão. Por razões intelectuais ou até mesmo pelo nosso próprio despreparo para com uma análise que trabalhe mais evidências ou simplesmente mais exaustiva torna-se irrelevante levar esta proposta para as demais noções verbais (modalidade e aspecto, por exemplo) seguido por advérbios predicadores, levaremos esta análise, todavia, somente para estruturas em IP que correspondem a flexão de passado.

Apesar desta proposta assimilar, por vezes, uma outra linha de raciocínio um pouco diferente para explicar como se dá a predicação de CPs mediante advérbios e, neste momento, em especial, de advérbios de IP, o que se diferencia um tanto das proposições concedidas pela literatura sobre advérbios predicadores, Ilari (1990), Ilari & Basso (2004) Parsons (1990), Cinque (1999), Ernst (2004), este estudo merece ser lido e avaliado segundo a aplicabilidade dessas hipóteses em sentenças do PB. Não estamos, com efeito, negando a veracidade das propostas apresentadas pela literatura, no entanto, achamos que análises como as que constam em (7, 8, 10 e em 11), por exemplo, assim como a proposta de área de convergência do significado que tenta explicar as operações entre AdvPreds e IP podem ser também usadas para a descrição da estrutura adverbial com base na predicação sentencial.

8. Considerações finais

Flusser (2007) refletido sobre ciência entende que “em suma: as formas não são descobertas nem invenções, não são ideias platônicas nem ficções; são recipientes construídos especialmente para os fenômenos (“modelos”). E a ciência teórica não é nem “verdadeira” nem

“fictícia”, mas sim “formal” (projetam modelos)”. Por este caminho, imaginamos ser o caso de termos dado seguimento à construção de um modelo formal que toma os advérbios predicadores como ponto de enfoque principal e diversifica alguns pontos de vistas sobre as capacidades predicativas da classe. A literatura especializada, Cinque (1999), Ernst (2004), Ilari (1990), Ilari & Basso (2004), Parsons (1990), muito contribuiu para esta reflexão que se construiu com um propósito bem definido como indicamos no início desta monografia: identificar algumas construções em que os advérbios se destacam como AdvPreds.

A explicação por traz da natureza predicativa do advérbio, para nós, com base nas sentenças analisadas, advenha, talvez, do contexto estrutural em que se colocam essas categorias. A predicação não depende do advérbio em si, enquanto categoria isolada, os fenômenos, que revelam a predicação a nível de CP e IP, dependem de variáveis como: ambiente sintagmático, informações verbais advindas da flexão, bem como o tipo e a construção oracional. Com isso, podemos afirmar que “o advérbio não nasce predicator, se torna um item com capacidades predicativas que são licenciadas pela estrutura encadeada em CP, quando predicadores de sentenças, e em IP, quando a predicação se aplica à flexão”.

Olhando para este cenário instável e variável, pois a predicação adverbial é licenciada pela estrutura que “alimenta” o CP e a flexão, entendemos que este trabalho possa ter contribuído para o estudo de categorias predicativas que habitam posições de sintagmas funcionais como na perspectiva de Cinque (1999). O advérbio predicator segue, aparentemente, as proposições indicadas pelo autor, quando se identifica a compatibilidade descritiva com o modelo de Hierarquia Linear Universal. No entanto, a descrição do significado seguindo a proposta de “área de convergência” e o escopo da predicação adverbial direcionada ao evento, Parsons (1990), parecem ser modelos formais implementáveis à descrição formal dos advérbios, tendo em vista, que o evento, enquanto informação semântica evocada pela sentença, possa ser uma informação sob a qual o advérbio atribua algum aspecto modal, como em: *inteligentemente* Paulo respondeu à pergunta. Pelo aspecto predicativo, o evento representa um ponto de diálogo entre sintaxe e semântica, já que a predicação está direcionada para a informação gerada pela sentença.

Logo, a busca por arranjar um modelo que pudesse integrar o significado da sentença (evento) com o aspecto predicativo do advérbio fez com que a proposta da Área de convergência de significado surgisse como representamos anteriormente.

Finalmente, terminamos esta monografia ressaltando a contundente relação existente entre a perspectiva teórica adotada aqui e a consciência criativa, na medida em que se propõe um modelo formal para descrição das entidades adverbiais na condição de advérbio predicador. Ressalvamos, contudo, possíveis problemas ou inviabilidades na aplicação desta proposta. Isso, com efeito, não impede a procedência desta proposta e melhoramento teórico. Portanto, nas próximas etapas que podem vir, esperamos ampliar tanto nossa base de dados linguísticos universais, nosso escopo teórico de análise, criar inventários de AdvPreds, e investigar com mais profundidade como o evento que a sentença projeta pode ser alvo da predicação dos advérbios e como se dá certas atribuições no processo predicativo.

9. Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 6. ed. São Paulo, SP: Edição Saraiva, 1952.
- BARBOSA, Jerônimo Soares. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1981.
- BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BASSO, R. M.; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1972.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. 's-Gravenhage: Mouton & Co., 1957.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalizations. In: JACOBS, R.; ROSEMBAUM, P. (ed.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn and Company, 1970. p. 184-221.
- CHOMSKY, N. *A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*. *Language*, New York, v. 35, n. 1, p. 26-58, jan./mar. 1959.
- CHOMSKY, Noam. *Rules and representations*. New York: Columbia University Press, 1980.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and bilding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger, 1985.
- CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Prefácio e coordenação de Inês Duarte. Lisboa: Caminho, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge Massachussetts, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução de Lúcia Lobato. Revisão Mark Ridd. Brasília: Editora da UNB, 1998.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da sintaxe*. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Derivation by phase*. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CHOMSKY, Noam. Problems of projection. *Lingua*, [S. l.], v. 130, p. 33-49, 2013.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1972.

COSTA, João; GONÇALVES, Anabela. *Minimal projections: evidence from defective constructions in European Portuguese*. 1999. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf>. Acesso em: 08 setembro 2025.

COSTA, João. *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de; ILARI, Rodolfo. Advérbios predicadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. v. 3: Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 201-248.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Unicamp, 2003.

ERNST, Thomas. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ERNST, Thomas. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. *Lingua*, [S. l.], v. 117, n. 6, p. 1008-1033, 2006. Disponível

em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=18673982>. Acesso em: 5 setembro. 2025.

ERNST, T. Domain adverbs and the syntax of adjuncts. In: AUSTIN, J.; ENGELBERG, S.; RAUH, G. (ed.). *Adverbials: the interplay between meaning, context, and syntactic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 103-129.

FREGE, G. Begriffsschrift, a formula language, modeled upon that of arithmetic, for pure thought. In: HEIJENOORT, J. (ed.). **Frege to Gödel: a source book in mathematical logic, 1879-1931**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967. p. 5-82.

LAENZLINGER, Christopher. *The syntax of adverbs*. In: *Comparative studies in word order variants: adverbs, pronouns and clause structure in romance and germanic*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 43-76.

LAENZLINGER, C. *A feature-based theory of adverb syntax*. GG@G (Generative Grammar

in Geneva), Geneva, n. 3, p. 67-105, 2002. Disponível em: <http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/Volume3/laenzlingerGG@G.pdf>. Acesso em: 08 outubro, 2025.

FOLTRAN, M. J. G. D. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. *Letras*, Curitiba, n. 81, p. 157-176, 2010.

FOLTRAN, M. J.; SOUZA, L. M. Advérbios em –mente modificando adjetivos em português brasileiro: modificação gradual e conteúdo expressivo. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 26-33, 2019.

FARIA, P. O axioma da correspondência linear e a estrutura sintagmática nua: um levantamento de propostas de compatibilização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 261-285, dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep261-285>. Acesso em: 10 out. 2025.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Organização de Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LOBATO, L. M. P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 147-161.

GONZAGA, M. *Aspectos da sintaxe do advérbio em português*. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

MIOTO, Carlos SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. . *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIOTO, Carlos.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2005.

TESCARI NETO, Aquiles. Advérbios e o movimento do verbo. *Fórum Linguístico*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 3563-3586, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/19848412.2019v16n1p3563>. Acesso em: 24 out. 2025.

POLLOCK, Jean-Yves. *Verb movement, universal grammar, and the structure of IP*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SANTOS, Paulo Roberto Pereira. *Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RADFORD, Andrew. *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TEIXEIRA, Zenaide Dias. *Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. v. 1: a ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 63-141.

KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

LASNIK, H.; KUPIN, J. J. *A restrictive theory of transformational grammar*. *Theoretical Linguistics*, Berlin, v. 4, n. 1-3, p. 173-196, 1977.